



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA**

JOSÉ WILKER MACHADO QUARESMA

**A OBRA “O DOADOR DE MEMÓRIAS” COMO ARTIFÍCIO DE SEDUÇÃO
DIDÁTICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM PARA O
APRIMORAMENTO DAS PRÁTICAS DE LEITURA**

**ABAETETUBA-PA
JUNHO/2018**

JOSÉ WILKER MACHADO QUARESMA

A OBRA “O DOADOR DE MEMÓRIAS” COMO ARTIFÍCIO DE SEDUÇÃO DIDÁTICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM PARA O APRIMORAMENTO DAS PRÁTICAS DE LEITURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Ciências da Linguagem, vinculada à Universidade Federal do Pará - Campus Universitário de Abaetetuba/ Baixo Tocantins, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras-Língua Portuguesa. Sob orientação da Prof.^a Dr.^a Rosângela Nogueira

ABAETETUBA-PA
JUNHO/2018

JOSÉ WILKER MACHADO QUARESMA

**A OBRA “O DOADOR DE MEMÓRIAS” COMO ARTIFÍCIO DE SEDUÇÃO
DIDÁTICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM PARA O
APRIMORAMENTO DAS PRÁTICAS DE LEITURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Ciências da Linguagem, vinculada à Universidade Federal do Pará - Campus Universitário de Abaetetuba/ Baixo Tocantins, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras-Língua Portuguesa. Sob orientação da Prof.^a Dr.^a Rosângela Nogueira.

Data de Defesa: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Rosângela Nogueira
Orientadora – UFPA

EXAMINADOR 01

EXAMINADOR 02

DEDICATÓRIA

Ao nosso misericordioso Deus, por todas as graças concedidas e, por capacitar-me a lidar com os diversos desafios que defrontei em minha trajetória e principalmente por me oportunizar a concluir mais essa etapa.

À minha mãe, pelo amor, carinho, dedicação, paciência e principalmente por compreender minha ausência.

A minhas irmãs, pela amizade, apoio e convivência fraterna.

Aos professores que me auxiliaram nos anos de vida acadêmica, mostrando-me como a educação é primordial para a compreensão do mundo.

Aos meus amigos que conheci nos últimos anos, Artur, Beatriz, Gerlane, Jean, Laércio, Maykon, Pablo, Rayanne, Rita, Suzi e Yanca. Vocês se tornaram meus irmãos.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos resumem-se em uma singela palavra, “gratidão”, sempre quis agradecer a todos, são tantas pessoas, que se tornam incontáveis, se eu realmente fosse arrolar, mesmo que resumidamente, iria ser uma relação interminável, pois, somos resultados das experiências diárias da relação com o outro, pessoas estas que encontramos no decorrer da vida, nesse sentido, nossos agradecimentos se entendem para todos os nossos companheiros, desde aos mais recônditos até aos mais solícitos, uma vez que a concretização deste trabalho só foi possível mediante a colaboração dessas diversas pessoas que permearam minha trajetória.

A Deus, por todas as graças alcançadas, por ser inerente a minha vida e estar comigo nos momentos de angústias e frustrações, durante os percalços da pesquisa, mas acima de tudo, por sempre me conduzir para o caminho onde vou galgando a busca da sabedoria e, por possibilitar-me construir minha trajetória profissional.

A minha mãe Maria Liduína, que tem sido inspiração desde sempre, ensinando-me bons valores e dando-me segurança nos momentos em que precisei. Obrigado, mãe, por acreditar em mim e estar ao meu lado nessa etapa tão decisiva em minha vida.

A minha Prof^a Orientadora Rosangela Nogueira, pela confiabilidade em meu potencial e por ter aceitado o desafio de me orientar. Agradeço os ensinamentos.

A todos os meus amigos de curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa. Em especial ao Anderson, Adenilda, Hérika, Júlia, Nilma, Paulo, Raquelinhe, Rennan, Rosane, Wendell e Yanca, com os quais passei quatro anos e meio de aprendizados significativos e afetividade.

A todos os amigos do Diretório Acadêmico do Campus Universitário de Abaetetuba, com os quais pude partilhar experiências que levarei para minha vida pessoal e profissional.

Aos organizadores e professores do Projeto Universidade Aberta de Abaetetuba, por meio do qual pude pôr em prática minha vontade de ajudar e ao mesmo tempo fui ajudado.

Aos alunos do Projeto Universidade Aberta de Abaetetuba, turma de 2018, os quais foram fundamentais para essa pesquisa. Os guardo com enorme carinho.

Aos amigos Gerlane, Laércio e Rita, os quais mereceriam minha gratidão mesmo se não tivessem contribuído diretamente para a elaboração desse trabalho.

Agradeço a todos os amigos incríveis que encontrei em meu decurso acadêmico e na vida em geral, principalmente aos que estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis.

Aos que vieram e se foram, agradeço o aprendizado que deixaram. Aos que estão chegando, que possamos crescer juntos.

Pessoas que se enquadram cegamente no coletivo fazem de si mesmos meros objetos materiais, anulando-se como sujeitos dotados de motivação própria.
Wolfgang Leo Maar.

RESUMO

Este estudo buscou evidenciar a literatura distópica como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem no âmbito do Projeto Universidade Aberta de Abaetetuba (P.U.A.A.), com o intuito de instigar os alunos a ampliarem a prática de leitura, uma vez que estarão se preparando para realizar provas de vestibular, a exemplo do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), o qual exige habilidades para analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a função e a estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e percepção, bem como desenvolver métodos de ensino tencionados a aguçar o senso crítico dos discentes para que possam refletir e intervir na sociedade. Para tanto, o objetivo central deste estudo pautou-se em utilizar o gênero distopia como artifício de sedução didática no processo de ensino-aprendizagem na aula de língua portuguesa, visando desenvolver habilidades crítico-reflexivas dos alunos a partir da análise da obra “*O Doador de Memórias*”. A pertinência desta pesquisa se ancorou em um plano de investigação mediante a abordagem qualitativa na perspectiva da Análise de Discurso Crítica (ADC), pois esta possibilita descrever e compreender os fatos sociais dando consistência e autenticidade, além de preocupar-se com um nível de realidade particular que, no caso dessa pesquisa, também pode ser quantificado. Destarte, para subsidiar o referido estudo, contamos com as contribuições dos aportes teóricos que vem discutindo a temática em foco, a saber: Adorno (1995), Freire (1989), Lowry (2014), Van Dijk (1998). Desse modo, tendo ciência da carência dos estudos de obras literárias não convencionais no âmbito escolar, nos lançamos no desafio de analisar como as literaturas distópicas contribuem para um aprendizado nevrálgico e emancipatório, suscitando o pensamento crítico dos alunos acerca da barbárie, do totalitarismo e dos demais regimes opressores, lançando sempre um enfoque reflexivo. Para tanto, a execução do projeto de intervenção pautou-se no aprimoramento das práticas de leitura dentro de um parâmetro contextualizado por meio de diferentes abordagens que objetivaram dar condições para que esses alunos se apropriassem do conhecimento e construíssem em suas próprias convicções e percepções acerca das realidades que os cercam.

Palavras Chaves: ensino-aprendizagem, literatura distópica, docência.

RESUMEN

Este estudio buscó evidenciar la literatura distópica como herramienta en el proceso de enseñanza-aprendizaje en el ámbito del Projeto Universidade Aberta de Abaetetuba (P.U.A.A.), vinculado a la Universidade Federal do Pará/Campus Baixo-Tocantins, con el fin de instigar a los alumnos a ampliar la práctica de lectura, una vez que se preparan para realizar pruebas de vestibular, a ejemplo del Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), el cual exige habilidades para analizar, interpretar y aplicar los recursos expresivos de los lenguajes, relacionando textos con sus contextos, mediante la función y la estructura de las manifestaciones, de acuerdo con las condiciones de producción y percepción, así como desarrollar métodos de enseñanza tendientes a agudizar el sentido crítico de los discursos para que puedan reflexionar e intervenir en la sociedad. Por lo tanto, el objetivo principal de este estudio se basa en el uso del género de la distopía como artificio de seducción didáctica en el proceso de enseñanza-aprendizaje en el aula de lengua portuguesa con el fin de desarrollar capacidades críticas y reflexivas de los estudiantes a partir del análisis de la obra “*O Doador de Memórias*” (The Giver). La pertinencia de esta investigación se ancló en un plan de investigación mediante el abordaje cualitativo en la perspectiva del Análisis Crítico del Discurso (ACD), porque esta posibilita describir y comprender los hechos sociales dando consistencia y autenticidad, además de preocuparse con un nivel de realidad particular que, en el caso de esa investigación, también puede ser cuantificado. De este modo, para subsidiar el referido estudio, contamos con las contribuciones de los aportes teóricos que viene discutiendo la temática en foco, a saber: Adorno (1995), Freire (1989), Lowry (2014) e Van Dijk (1998). De este modo, teniendo en cuenta la carencia de los estudios de obras literarias no convencionales en el ámbito escolar, nos lanzamos en el desafío de analizar cómo las literaturas distópicas contribuyen a un aprendizaje nevrálgico y emancipatorio, suscitando el pensamiento crítico de los alumnos acerca de la barbarie, del totalitarismo y de los otros regímenes opresores, lanzando siempre un enfoque reflexivo. Para ello, la ejecución del proyecto de intervención se basó en el perfeccionamiento de las prácticas de lectura dentro de un parámetro contextualizado por medio de diferentes enfoques que objetivaron dar condiciones para que esos alumnos se apropiaran del conocimiento y construir en sus propias convicciones y percepciones acerca de las mismas las realidades que los rodean.

Palabras Claves: enseñanza-aprendizaje, literatura distópica, docencia.

LISTA DE SIGLAS

UFPA-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

PAAA-PROJETO POPULAR UNIVERSIDADE ABERTA DE ABAETETUBA

ACD-ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

PCN-PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

OCEM-ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

FIGURAS

Figura 01- Respostas dos alunos referentes ao gosto pela leitura	24
Figura 02- Respostas dos alunos referente à frequência de leitura	24
Figura 03- Respostas dos alunos concernente ao formato de livro que leem	25
Figura 04- Respostas acerca de quem/o que despertou o interesse pela leitura	25
Figura 05- Respostas dos alunos referente à quais leituras tiveram acesso na escola, além do livro didático	26
Figura 06- Respostas referentes os tipos de textos que leem	26

TABELAS

TABELA DEMONSTRATIVA 01	27
TABELA DEMONSTRATIVA 02	29
TABELA DEMONSTRATIVA 03	42

Sumário

INTRODUÇÃO	2
I CAPÍTULO	6
O ITINERÁRIO DA PESQUISA: ENFOQUES METODOLÓGICOS E EPISTEMOLÓGICOS.	6
1.1 O uso da Pesquisa Qualitativa.	7
1.2 Os Instrumentos da Pesquisa	8
1.2.1 Sequência Didática	9
1.3 Análise de Discurso Crítica	9
1.4 Cenário e Interlocutores da Pesquisa.	10
1.5 Projeto PUAA.	11
II CAPÍTULO	14
LITERATURA DISTÓPICA: UM CONSTRUCTO SOCIAL NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM.	14
3.1 Literatura Distópica.	14
3.2 O Processo de Ensino Aprendizagem.	16
3.3 O Professor de Língua Portuguesa	19
3.4 Leitura	20
III CAPÍTULO	23
A PRÁXIS PEDAGÓGICA: MATERIALIALIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS DOCENTE	23
4.1 Análises dos Resultados	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERENCIAS	50
ANEXOS	53

INTRODUÇÃO

Assiste-se, no cenário brasileiro, as transformações incisivas que ocorrem no campo educacional, destarte, partimos do pressuposto que é imprescindível pensar a educação levando em consideração as complexidades sociais que lhe permeiam, rompendo com as reformas produtivistas e mercantilistas do sistema educativo e investindo em uma reforma civil, democrática e politizada. Reforma esta que democratize o processo educativo, atentando-se para a questão emancipatória e desalienadora, possibilitando aos sujeitos uma formação autêntica que enseje a oposição ao modelo excludente e bárbaro, sendo contestadora e resistente ao sistema. Levando, assim, a sociedade ao epicentro da reflexão mediante a uma formação holística.

Para que essas reformas ocorram, é preciso pensar a sociedade e a educação em seu devir, só assim serão fixadas alternativas históricas tendo como base a emancipação de todos, no sentido de se tornarem sujeitos refletidos da história, aptos a interromperem a barbárie e realizar o conteúdo positivo e emancipatório (ADORNO, 1995).

Diante do exposto, para que essa ação contra hegemônica ocorra, a prática de leitura crítica, a qual implica nas relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989) será fundamental para essa renovação, para tanto a escolha de tal temática justifica-se pelo fato de mostrar que existem outras práticas que podem despertar o interesse de ler - uma vez que qualquer prática pedagógica de leitura que não aguace o desejo pela leitura não pode ser considerada uma prática eficiente.

Além disso, cientes também da carência dos estudos de obras literárias não convencionais no âmbito escolar, nos lançamos no desafio de analisar como as literaturas distópicas contribuem para um aprendizado nevrálgico e emancipatório, suscitando o pensamento crítico dos alunos acerca da barbárie que se instaura enquanto “comum”, no sentido de possibilitar “uma educação para a contradição e para a resistência” (ADORNO, 1995, p. 182).

Por certo, nas aulas de língua portuguesa/literatura no Ensino Médio, a leitura está diretamente atrelada às obras que fazem parte do cânone literário, consideradas de alto valor pela crítica, em detrimento de outras taxadas como populares, como são vistas a maioria das literaturas infanto-juvenis da atualidade, dentro dessa segunda categoria se encaixa a obra *O Doador de Memória*. Sendo assim, há a necessidade de dar-se devido reconhecimento a essas outras produções textuais, e compreender como elas podem contribuir para o processo de ensino e aprendizado.

Sem dúvida, as obras de ficção distópicas são “intrínsecas” a realidade, buscando sempre advertir acerca de uma sociedade imaginada, de um tempo futuro e das configurações sociais que estariam presas aos estados totalitaristas, opressores e dos governos que se manteriam em ideologias apenas em busca da manutenção de seus poderes. É nesta perspectiva crítico reflexivo que esta pesquisa apresenta a literatura distópica como uma ferramenta no processo de ensino-aprendizagem, com o intuito de instigar os alunos a ampliarem a prática de leitura, uma vez que estarão se preparando para realizar provas de vestibular, a exemplo do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), o qual exige habilidades para analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a função e a estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e percepção.

Dentro desse contexto, é importante ressaltar que existem algumas pesquisas que retratam o gênero distópico, e o quanto este pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, entretanto, são poucos os trabalhos aplicados em sala de aula. Logo, objetivou-se estabelecer relações entre o texto literário, o momento de sua produção e situando os aspectos do contexto histórico, social, político e cultural, por meio da leitura, análise e discussão da obra *O Doador de Memórias*, que possibilitou aos alunos realizarem discussões sobre os mais variados assuntos, entre eles o papel do Estado e as relações de poder que ocorrem no chamado Estado de Exceção, o qual se apresenta “como um patamar de indeterminação entre democracia e absolutismo” (AGAMBEN, 2004, p. 13).

Neste contexto, buscando aguçar o senso crítico dos discentes para que possam refletir e intervir na sociedade, perpassamos pela categoria que Adorno salienta reiteradamente, que é a emancipação, pois esta só ocorre a partir da percepção, compreensão da realidade e reflexão sobre a mesma, levando os sujeitos ao processo emancipatório, uma vez que estarão tendo a oportunidade de receber uma educação que de fato enseje tais transformações e que interfira de forma positiva em suas construções sociais.

Em virtude disso, analisando meu processo de formação, compreendo que as leituras realizadas durante minha trajetória acadêmica foram fundamentais para que eu pudesse moldar meu caráter e compreender meu papel enquanto agente social, pois, quando eu era criança, lia apenas durante as atividades escolares, como uma obrigação, no entanto, durante a adolescência, ao ter contato com literaturas que me agradavam, pude adquirir gosto pela leitura, o qual fora se acentuando a cada livro lido. As leituras que fiz, mesmo não sendo indicadas nas atividades escolares, com certeza foram fundamentais em minha formação acadêmica e pessoal, ajudando-me a aprimorar meus conhecimentos e forma de ver o

mundo, do mesmo modo, espero que esses alunos possam ser motivados e compreendam a importância do ato de ler.

Com efeito, temos por certo de que a escola é o local onde a maioria da população terá acesso à leitura, mas nem todas as instituições cumprem o papel de incentivo a essa prática. Como professor de redação por três anos consecutivos em um projeto que auxilia jovens oriundos da escola pública, entre concluintes e egressos do Ensino Médio, o Projeto Universidade Acadêmica de Abaetetuba (P.U.A.A.) - o qual será o cenário desta pesquisa -, pude perceber como a precariedade do ensino e a falta de interesse em relação à leitura dificulta a compreensão sobre determinados assuntos e a produção textual.

Para além de minhas experiências como professor, durante o período das Ocupações Estudantis que aconteceram no ano de 2016, no qual pude fazer formações em algumas escolas do município de Abaetetuba, ficou perceptível o quanto os alunos que participaram das palestras, pouco ou nada sabiam sobre a importância da política e como ela interfere diretamente em nossas vidas. Logo, as atividades realizadas durante o projeto de intervenção buscaram contribuir para a compreensão de assuntos que deveriam, mas não são tão explorados nas aulas, como a política e as relações de poder.

Desse modo, como professor em formação, e entendendo que são inúmeras as dificuldades enfrentadas no processo formativo de leitores críticos e conscientes, bem como a necessidade da participação destes no discurso social, optamos por tomar parte no processo de ensino, o que pode ser feito pela interação por meio do que se lê, pois em um país que ainda sofre com a deficiência no ensino público e com o alto índice¹ de analfabetismo funcional, todas as tentativas que incentivem e auxiliem alunos a praticar a leitura serão de grande contribuição para a educação.

Para tanto, objetivo central deste estudo pautou-se em utilizar o gênero distopia como artifício de sedução didática no processo de ensino-aprendizagem na aula de língua portuguesa, visando desenvolver habilidades crítico-reflexivas dos alunos. E como objetivo específico definiu-se: analisar a obra “*O Doador de Memórias*” na perspectiva da literatura distópica como ferramenta de estímulo da leitura; reconhecer posições críticas aos usos

¹ “De acordo com os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) - Programme for International Student Assessment -, em 2016, o desempenho médio dos estudantes brasileiros na avaliação de leitura foi de 407 pontos, valor significativamente inferior à média dos estudantes dos países membros da OCDE: 493.” Publicado em <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=42761> /Acessado em: 17/11/2017

sociais que são feitos das linguagens e dos sistemas de comunicação e informação e identificar como a literatura distópica contribui para o ensino.

Desse modo, para a concretização da referida pesquisa fizemos uso da abordagem qualitativa na perspectiva da Análise de Discurso Crítica, pois esta possibilita descrever e compreender os fatos sociais dando consistência e autenticidade, além de se preocupar com um nível de realidade particular, que no caso dessa pesquisa, também pode ser quantificado.

Nesse sentido, o trabalho encontra-se estruturado em seções que corporificam a pesquisa, sendo que na primeira seção intitulada “O itinerário da pesquisa: enfoques metodológicos e epistemológicos” tratamos as questões metodológicas, na segunda fizemos uma abordagem sobre o ensino-aprendizagem e na terceira é feita com densidade a análise da pesquisa mediante a intervenção realizada durante as aulas ministradas para os alunos do PUAA. E por fim, temos as considerações finais que postulam as conclusões que obtivemos e a exequibilidade do trabalho.

CAPÍTULO I

O ITINERÁRIO DA PESQUISA: ENFOQUES METODOLÓGICOS E EPISTEMOLÓGICOS.

Nesta seção, pontuamos meticulosamente todos os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento e sistematização desta pesquisa, visto que o fazer ciência não é algo simples, logo, exige do pesquisador uma postura sistêmica, interpelativa e atenta aos detalhes epistemológicos e aos fatos empíricos que consistem em validar e dar rigor científico à pesquisa, mediante a um método que abranja o objeto investigado em suas múltiplas facetas.

Assim, a metodologia se constitui enquanto um elemento fundamental e indispensável para realização de um trabalho acadêmico/científico, posto que, o percurso metodológico é o caminho no qual iremos nos enveredar em busca das respostas que nos instigavam a refletir acerca do problema de pesquisa, inquietações essas que são emersas por meio da relação do homem com o universo onde está inserido, para tanto, buscou-se responder aos questionamentos concernentes à realidade correlatas à inquietude do sujeito investigador mediante o seu contexto social. Para isso, foi necessário nos debruçarmos tanto no campo teórico quanto no campo empírico, na busca de compressão epistemológica e, por conseguinte, delineamos a pesquisa a fim de chegarmos aos objetivos traçados neste estudo.

Cabe ressaltar que serão pontuados no decorrer desta seção o método de pesquisa utilizado e o porquê do mesmo, os instrumentos adotados e o transcurso percorrido, além disso, ressaltaremos quais foram os interlocutores que colaboraram para execução da pesquisa, bem como o cenário de realização deste estudo, ou seja, a nossa referência concreta, na qual ocorreu o processo de investigação.

Para tanto é cabível ressaltar que:

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem. [...] na verdade a metodologia é muito mais que técnica. Ela inclui as concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica com os pensamentos sobre a realidade. (MINAYO, 2003; p.14-15)

Para além da descrição dos passos da pesquisa, a metodologia é fundamentadora de todo um processo de pesquisa, por isso é importante descrevê-la. Conforme Barreto e Honorato (1998; p.34):

A metodologia da pesquisa num planejamento deve ser entendida como o conjunto detalhado e sequencial de métodos e técnicas científicos a serem

executadas ao longo da pesquisa, de tal modo que se consiga atingir os objetivos inicialmente propostos e ao mesmo tempo, atender aos critérios de menor custo, maior rapidez, maior eficácia e mais confiabilidade de informação (1998; p.34).

A metodologia se configura enquanto uma discussão epistemológica sobre o caminho a ser seguido, como a justificação dos instrumentos técnicos empregados juntamente com a percepção e observação do pesquisador são gerados conhecimentos, entretanto, não é um processo inacabado, exige do investigador uma busca constante para responder todas as indagações que surgem ao questionarmos o nosso objeto de estudo. Por isso, o processo é necessário entender o que designa pesquisar:

Ao pesquisar indagamos, questionamos, e assim geramos, pesquisar é toda atividade voltada para a solução de problemas, como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, e a atividade que vai nos permitir no âmbito das ciências, elaborar um conjunto de conhecimentos, que nos auxiliem na compreensão desta realidade e nos oriente em nossas ações (PÁDUA, 2000; p.31, apud OLIVEIRA, p. 2, S/A).

A pesquisa envolve todo um processo de investigação, o contato do pesquisador com objeto pesquisado, assim há uma necessidade da complementação teórica, sendo uma precisão de articulação entre teoria e metodologia, na qual esses dois processos devem caminhar na mesma direção. E, assim, cumprimos o papel que é designado pela atividade de pesquisar que é a descoberta da realidade, sendo este um processo inacabado e contínuo.

1.1 O uso da Pesquisa Qualitativa.

Para além descrever e compreender os fatos sociais a partir de um recorte temporal e de um retrato da realidade faz-se necessário dar consistência, autenticidade e rigor à pesquisa, para tanto, essa pesquisa pautou-se em abordagem qualitativa pelo fato de defender uma visão ampla ao mesmo tempo integrada ao objeto investigado, envolvendo elementos que interferem nos fenômenos estudados, conforme elucida Ludke e André (1986):

Qualitativa porque se contrapõe ao esquema quantitativo de pesquisa (que divide a realidade em unidades possíveis de mensuração, estudando-as isoladamente), defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.17).

A opção pela pesquisa qualitativa, além de possibilitar visão holística, se pauta na flexibilidade de investigar o objeto de estudo, para Alves-Mazzotti e Gewandsznnajder (2002, p. 147) “as investigações qualitativas, por sua diversidade e flexibilidade, não

admitem regras precisas, aplicáveis a uma ampla gama de casos”. Pelo fato da mesma preocupar-se com questões peculiares, singulares e, além disso, não busca mensurar ou quantificar, pelo contrário é pautada na subjetividade e particularidade da questão perquirida, é uma pesquisa de parâmetro coeso, com significados estes observados pelo próprio pesquisador, dessa maneira, tal abordagem será o nosso suporte.

1.2 Os Instrumentos da Pesquisa

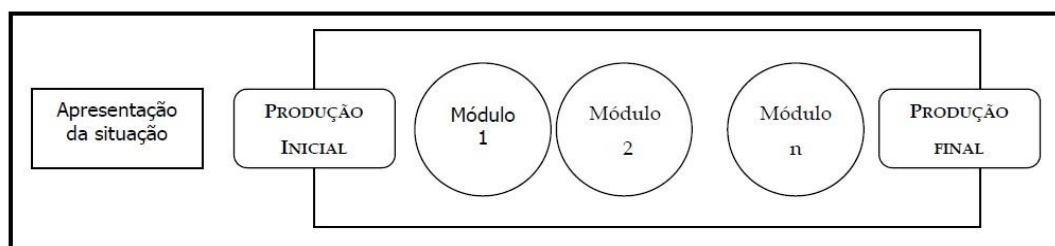
Os instrumentos técnicos são o suporte que ensejou a realização da pesquisa e análise dos dados obtidos. Inicialmente, a pesquisa perpassou por um levantamento bibliográfico, nessa etapa foi realizado uma leitura exploratória do material consultado que subsidiou a implementação dos demais passos, o levantamento bibliográfico é o processo ou etapa inicial da pesquisa que nos fornecerá informações significativas a respeito do tema abordado, assim, a bibliografia é a utilização mecânica de materiais como: livros, artigos científicos, sites e etc. E, por conseguinte, durante o processo de intervenção, tomou-se como parâmetro a sequência didática, no qual, fora utilizado formulários com perguntas estruturadas e semiestruturadas. Parafraseando Marconi e Lakatos (1991; p.33), evidenciamos que os métodos e as técnicas devem procurar se adaptar ao problema em questão que está sendo abordado, assim, informam que “tanto os métodos quanto as técnicas devem adequar-se ao problema, questões que são elencadas e que queremos confirmar a partir dos colaboradores.

Deste modo, o durante o projeto de intervenção, fora utilizado um formulário com perguntas estruturadas e semiestruturadas (Anexo 2), o resumo da obra *O Doador de Memórias* e atividade interpretativa (Anexo 7), os quais possibilitaram praticar competências de análise e interpretação, bem como apresentações em slide e vídeos retirados do YouTube, os quais possibilitaram a contextualização do enredo da narrativa com questões sociais, trabalhando sob uma perspectiva interdisciplinar², logo, a escolha desses procedimentos contribuirá para fomentar as práticas de leitura.

²A postura interdisciplinar busca a superação da compartimentação do saber, além de possibilitar uma visão holística das situações complexas que se apresentam na contemporaneidade, portanto, a lógica interdisciplinar exige uma nova postura metodológica e epistemológica capaz de compreender a sociedade a partir da unidade e “tudo nos leva a engajar-nos cada vez mais na pesquisa das aproximações, das interações e dos métodos comuns às diversas especialidades”. Eis o que chamaremos de “pesquisa interdisciplinar” (JAPIASSÚ, 1976, p.40).

1.2.1 Sequência Didática

Durante as aulas, tomamos como parâmetro, a sequência didática, que segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” Desse modo, a sequência didática que utilizaremos estrutura-se pelo seguinte esquema:



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004)

Trabalhamos com essa sequência didática, pois ela nos permite medir o nível inicial de conhecimento dos alunos e havendo necessidade, ajustar as atividades, além de possibilitar que seja posto em prática o que é aprendido. Nesse sentido, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) postulam que:

“Os módulos, constituídos por várias atividades ou exercícios, dão-lhe os instrumentos necessários para este domínio, pois os problemas colocados pelo gênero são trabalhados de maneira sistemática e aprofundada. No momento da produção final, o aluno pode pôr em prática os conhecimentos adquiridos e, com o professor, medir os progressos alcançados. A produção final serve, também, para uma avaliação de tipo somativo, que incidirá sobre os aspectos trabalhados durante a sequência.” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 98).

Por meio dessa sequência fora possível medir o nível de conhecimento dos alunos, bem como fazer adaptações às atividades e exercícios mediante ao desempenho a cada etapa. Desse modo, tal sequência fora fundamental para esta pesquisa, uma vez que contribuiu para uma melhor organicidade progressiva e direcionamento do trabalho com o gênero narrativo.

1.3 Análise de Discurso Crítica

A Análise de Discurso Crítica (ADC) é um tipo de investigação qualitativa que estuda textos, eventos e práticas sociais em que são evidenciadas relações de poder, dominação e desigualdade. Por meio de tal investigação, fora possível, durante as atividades de

intervenção, realizar análises por uma perspectiva consciente de um papel social e valorativo, pautando-se em uma abordagem multidisciplinar, desse modo, possibilitando a compreensão das relações sócio-históricas e o desenvolvimento das pesquisas na área, como evidenciam Magalhães et al (2017):

Assim, a Ciência Política, a Sociologia, a História, a Psicologia Social e os enfoques teóricos especializados em cultura, meios de massa, gênero, classe social e raça são alguns dos campos do conhecimento que têm participado da construção teórico-prática no âmbito da Análise de Discurso Crítica. Muitos pesquisadores na área têm tido bom ao incorporarem instrumentos metodológicos e categorias teóricas daquelas áreas em seus próprios trabalhos e, desse modo, enriquecerem suas pesquisas (MAGALHÃES, et al, 2017, p. 57).

Desse modo, a ADC possibilita que seja feita uma abordagem mais holística, perpassando por vários âmbitos e que converge para um reflexão acerca do discurso que se constrói mediante ao processo histórico e social, portanto, é um enfoque que descortina horizontes a partir de uma ótica reflexiva que fomenta a luta contra as diferenças sociais que são construídas e compreendidas no bojo dos discursos.

1.4 Cenário e Interlocutores da Pesquisa.

O local de desenvolvimento da pesquisa foi a Universidade Federal do Pará- Campus Universitário de Abaetetuba, o campus foi escolhido como lócus pelo fato de ser uma referência fixa e, principalmente, por albergar o Projeto Popular Universidade Aberta de Abaetetuba. Portanto, além de ministrar as aulas, a realização e o curso da intervenção metodológica da nossa pesquisa se deu no âmbito desse projeto, no qual, foi elaborado e executado um projeto de intervenção para os alunos vinculados ao mesmo.

A seleção dos interlocutores justifica-se pela familiaridade com o projeto mediante as aulas que ministrei e também pelo fato de buscarmos contribuir para um processo de ensino-aprendizagem mais eficaz, e o cursinho tem possibilitado a materialização dessas ações por meio da prática docente, possibilitando o aprimorando das habilidades docentes no âmbito do projeto. Desse modo, selecionamos doze sujeitos, dentre os que fazem parte do projeto, a escolha dessa amostragem obedeceu ao critério de participação, sendo assim, trabalhamos em cima dos dados daqueles que estiveram presentes em todas as etapas.

1.5 Projeto PUAA.

O Projeto Universidade Aberta de Abaetetuba é fruto de uma ação conjunta do Diretório Acadêmico com a Coordenação do Campus Universitário de Abaetetuba, o qual envolve os alunos de todas as licenciaturas do campus supracitado, no sentido de possibilitar aos graduandos ministrar aulas e desenvolver outras atividades para um público-alvo de 45 alunos, egressos ou concluintes do Ensino Médio.

O referido projeto constitui-se como um cursinho pré-vestibular gratuito, organizado desde o ano de 2013 até os dias atuais, no qual vem se trabalhando, sobre vários aspectos, a formação de jovens em situação de vulnerabilidade social, visando proporcionar o ingresso destes no ensino superior, uma vez que, uma grande maioria possui uma educação básica comprometida, e em muitos casos acabam se tornando número nas péssimas estatísticas das mazelas sociais.

Assim, o projeto buscar abrir novos horizontes para este alunado vislumbrar novas perspectivas, de forma consciente e crítica, conforme teorizado por Bourdieu e Passeron (1975), dessa forma, o capital cultural dos professores, pode possibilitar aos alunos a abertura de horizontes com relação a sua emancipação profissional - contribuindo para alargar o capital cultural de jovens, cujas trajetórias de vida não garantiram o habitus e o ethos que fermentam a acumulação desse capital. Na mesma linha de pensamento, para Kuenzer (2010):

Universalizar o ensino médio com qualidade social pressupõe ações que visem à inclusão de todos no processo educativo, com garantia de acesso, permanência e conclusão de estudos com bom desempenho; respeito e atendimento à diversidade socioeconômica cultural, de gênero, étnica, racial e de acessibilidade, promovendo igualdade de direitos; e o desenvolvimento da gestão democrática (Kuenzer, 2010, p.).

Fazendo valer o papel social da Universidade, por meio de suas atividades extensionistas, o projeto promove a acessibilidade educacional, atendendo uma demanda vulnerável economicamente, independente de variação cultural ou segregação racial. O pensador contemporâneo Libâneo, profere que:

O nível médio de ensino comporta diferentes concepções: em uma compreensão propedêutica, destina-se a preparar os alunos para o prosseguimento dos estudos no curso superior; para a concepção técnica, no entanto, esse nível de ensino prepara a mão de obra para o mercado de trabalho; na compreensão humanística e cidadã, o ensino médio é entendido no sentido mais amplo, que não se esgota nem na dimensão da universidade (como no propedêutico) nem na do trabalho (como no técnico), mas compreende as duas – que se constroem e reconstroem pela

ação humana, pela produção cultural do homem cidadão –, de forma integrada e dinâmica (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2012, p. 354).

O cenário de ensino propedêutico, atualmente, se revela ainda muito desigual, percebe-se isto a partir do número de alunos pertencentes às famílias de baixa renda em instituições de nível superior que é muito menor que o número de alunos com privilégios financeiros, essencialmente nos cursos em que as médias de aprovação são elevadas, o que colabora para cristalizar o pensamento errôneo de que poder intelectual está atrelado diretamente a poder financeiro. Com efeito, os cursos de licenciatura do campus de Abaetetuba precisam ter mais atividades práticas, tanto de regência, quanto de desenvolvimento de habilidades para que os futuros professores possam protagonizar intervenções sociais no meio em que estão inseridos. Além disso, existe a necessidade do cumprimento do que está posto no PDI 2011-2015 da UFPA por meio dos objetivos estratégicos “formar cidadãos capazes de transformar a realidade social” e “intensificar atividades integradas de pesquisa ensino e extensão socialmente relevantes”.

De acordo com Castro (2005):

Cursinhos Populares são ações políticas de atores engajados em projetos e ações que têm, como eixo, a transformação social da realidade por meio da preparação e do incentivo às classes populares a ingressarem no ensino superior gratuito (CASTRO, 2005).

Desse modo, para além de ocupar o tempo ocioso dos jovens que se encontram às margens da sociedade, estendendo seu tempo/escola, socializando os conteúdos que compõe a base curricular, para prestar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), o projeto vem com o intuito de abrir novos horizontes para este alunado vislumbrar novas perspectivas, de forma consciente e crítica. Nesse sentido, consonante à ação libertadora aguçando a criticidade dos participantes do projeto, FREIRE (1987) afirma que:

Neste caso, os temas se encontram encobertos pelas “situações-limites” que se apresentam aos homens como se fossem determinantes históricas, esmagadoras, em face das quais não lhes cabe outra alternativa, senão adaptar-se. Desta forma, os homens não chegam a transcender as “situações-limites” e a descobrir ou a divisar, mais além delas e em relação com elas, o “*inédito viável*”. [...] No momento em que estes as percebem não mais como uma “fronteira entre o ser e o nada, mas como uma fronteira entre o ser e o mais ser”, se fazem cada vez mais críticos na sua ação, ligada àquela percepção. Percepção em que está implícito o *inédito viável* como algo definido, a cuja concretização se dirigirá, sua ação (FREIRE, 1987, p. 53).

A formação humanista do projeto promoveu reflexos em seus alunos, a proposta de formar para além do repasse de um conteúdo pragmático, contribuiu não só para a inserção

dos estudantes em Instituições de nível superior, mas para a consciência crítica destes sujeitos.

Assim sendo, o projeto visa proporcionar aos acadêmicos das licenciaturas um espaço para ampliação da Prática Pedagógica Supervisionada (Estágio Supervisionado Obrigatório), buscando uma formação profissional, com excelência e comprometida com as questões sociais. Fazendo, deste modo, valer o papel social da Universidade no que concerne às atividades extensionistas, promovendo a acessibilidade educacional, atendendo uma demanda vulnerável economicamente, independente de variação cultural ou segregação racial.

CAPÍTULO II

LITERATURA DISTÓPICA: UM CONSTRUCTO SOCIAL NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM.

Apresentamos nesta seção, como se dá o processo de ensino aprendizagem e como este está intrínseco aos saberes desenvolvidos no exercer da prática docente; evidenciamos a importância da leitura e do gênero literário distópico enquanto um constructo social imagético a partir de um tempo prospectivo que pode estar atrelado ao futuro e que também está diretamente voltado para ações desencadeadas a contexto sociais, culturais, políticos, ambientais e entre outros, que ocorrem tanto no tempo passado quanto no presente.

3.1 Literatura Distópica.

A literatura pode ser, dentre outras possibilidades, uma forma de entender a realidade, apresentando-se como um complemento essencial à constituição dos seres histórico-sociais, pertencentes a uma sociedade e, ao mesmo tempo, ao mundo. Atuando como instrumento de civilização, constituindo-se e caracterizando-se por meio do entrelaçamento de vários fatores sociais, apoiando-se no quinhão da fantasia, modificando a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva (CANDIDO, 2006, p. 22).

Desse modo, buscando possibilitar reflexões aos sujeitos que fizeram parte dessa pesquisa, trabalhamos com o texto distópico, gênero literário que, entre outras temáticas, apresenta-se como uma possibilidade do que pode vir a ser o futuro baseando-se em situações contemporâneas. Assomado a isso, como instrumento no processo de ensino-aprendizagem, pode trazer grandes contribuições para ampliar o gosto e compreensão de leitura. Na atualidade, esse gênero tem sido um dos mais lidos pelos jovens.

Atualmente, o gênero parece ter conquistado uma parcela significativa do mercado editorial voltado para os jovens adultos. Esses textos literários são absorvidos por novas gerações que, sob o impacto de violentas crises econômicas e políticas, são sensíveis às suas atualidades sociais e procuram melhor compreendê-las. Isso explicaria, em certa medida, o sucesso de textos que tocam em pontos essenciais dos regimes ditatoriais e de controle do indivíduo (LIRA, 2015, p. 03).

Muito antes de conquistar os jovens leitores, o termo distopia foi usado pela primeira vez no início do século XVI, por Thomas More, em sua obra intitulada *Utopia* (1516), título que advindo do grego, significa “lugar que não existe” e serve para textos ficcionais ou não,

que apresentam uma realidade paralela, na qual existe uma versão melhorada, até mesmo perfeita, do nosso mundo. Em oposição ao texto utópico, segundo Neumann e Kopp (2013) está à distopia:

Um romance distópico, por exemplo, costuma enxergar os tempos vindouros como piores, muito piores, do que o presente. Esse tempo adiante também pode servir para dar vazão a ensaios fantasiosos, como acontece normalmente na ficção científica (NEUMANN e KOPP, 2013, p. 82).

O surgimento do gênero remonta a meados do século XX, uma vez que, após final do século XIX, no qual, o sentimento em relação aos dias vindouros costumava ser otimista, uma vez que fora um período de grande desenvolvimento tecnológico e cultural, ocorre uma mudança na forma de pensar, imaginar e escrever sobre o futuro como um tempo no qual as coisas se tornariam piores, nesse contexto a literatura distópica tomou corpo, ganhou notoriedade e se firmou como uma das marcas desse tempo. Nesse sentido, Kumar (1987) afirma que:

Depois da Primeira Guerra, as utopias entraram em retrocesso. Os anos 1920, 1930 e 1940 foram a era clássica das ‘utopias em negativo’, das anti-utopias ou distopias. Essas são as ‘décadas diabólicas’, os anos do desemprego em massa, das perseguições em massa, de ditadores brutais e das guerras mundiais (KUMAR, 1987, p. 224).

Após ter contato com esses acontecimentos, na última década do século XX, a escritora norte-americana Lois Lowry, em “O Doador de Memórias” (The Giver, 1993), oscilando entre a utopia e a distopia, cria um mundo aparentemente perfeito, no qual se buscou acabar com todas as mazelas que dificultam a vida em sociedade, as quais geraram os grandes conflitos que a humanidade já viveu. Logo, nesse novo modelo de sociedade, para que as catástrofes não voltem a acontecer, tudo se encontra sob controle da égide de um soberano. Cada pessoa está ajustada às normas da Comunidade e vivem satisfeitas com suas vidas ordenadas e estáveis, tendo conhecimento apenas do agora, uma vez que as memórias foram apagadas. Com a finalidade de orientar sobre as decisões importantes, o Doador é a única pessoa que possui conhecimento sobre o passado, o qual é encarregado de treinar Jonas, um menino de doze anos, para ser o novo guardião das memórias. Durante esse processo, o menino descobre verdades sobre a frágil perfeição de seu mundo, o que o faz lutar contra o sistema imposto.

Por essa obra, Lowry ganhou a medalha John Newbery, um dos prêmios mais prestigiados da literatura infanto-juvenil norte-americana, além disso, “O Doador de Memórias” gerou reações diversas, entre elogios e críticas nas escolas dos Estados Unidos,

pois algumas adotaram esse livro como parte do currículo obrigatório, enquanto as mais conservadoras proibiram essa leitura em sala de aula, por abordar temas como os efeitos destrutivos e desumanizantes da tecnologia, a manipulação social, controle das informações, assassinato, entre outros, características relacionadas aos sistemas totalitaristas. Desse modo, essa obra possibilita reflexões que contemplam aspectos sociais, políticos e culturais.

3.2 O Processo de Ensino Aprendizagem.

É importante compreender que a relação ensino-aprendizagem é um processo que se constrói mediante uma relação dialética entre professor e aluno, assim, a formação se constrói entre o sujeito e a sociedade. De acordo com Vygotsky (1991), o aprendizado é mediado, portanto, isso torna o papel do ensino e do professor mais proeminente. Logo, o aprendizado não se encontra subordinado somente ao desenvolvimento das estruturas intelectuais da indivíduo, mas se dá em uma relação dialógica na qual um se alimenta do outro, provocando saltos qualitativos de conhecimento. O ensino, para Vygotsky, se configura como aquilo que ele ainda não sabe e nem é capaz de aprender sozinho, mas que pode ser fomentado e elucidado pelo professor. Tal relação enfatizada pelo referido autor foi estabelecida nas atividades de intervenção que realizamos no âmbito da sala de aula.

É importante considerar que o processo de ensino-aprendizagem está relacionado com as transformações que tange às políticas de formação docente, para tanto, precisamos discutir a formação e profissão do professor a partir de um prisma que possibilite compreender as complexidades que as envolve, verificando as múltiplas facetas que estão concernidas ao ofício docente, visto que por muitas décadas os professores se mantiveram enclausurados e estagnados em uma profissão cujo papel era estritamente voltado para a transmissão de conhecimentos, atendendo, assim, aos interesses da classe hegemônica, havendo sempre uma relação determinista do Estado em articulação com a burguesia.

Desse modo, o ofício docente impregnou-se de uma espécie de entre-dois, que tem se estigmatizado na história dos professores, no qual, não deve saber de mais, nem de menos; não devem se misturar com o povo, nem com a burguesia; não devem ser pobres, nem ricos; não são bem funcionários públicos, nem profissionais liberais (Nóvoa, 1992). Isso ocorre após o Estado assumir o processo de instrução, tirando a tutela do âmbito religioso, papel este desenvolvido pelos jesuítas, como explicitado no capítulo anterior, surge então, a necessidade de pessoas para desenvolver tal função.

É notório o desígnio do papel do professor, no qual o dualismo estrutural da sociedade de classes manifesta-se na padronização dos projetos educativos, operacionalizando, assim, com visões reducionistas da cultura aristocrática com formas alienadas em função dos modelos dominantes.

Não obstante as mudanças que vêm ocorrendo paulatinamente, Nóvoa (2009, p.12) traz à tona em seus estudos, as mudanças paradigmáticas correlatas à profissão do professor, na qual, “assistimos, nos últimos anos, a um regresso dos professores à ribalta educativa, depois de quase quarenta anos de relativa invisibilidade”. O autor nos alerta para a necessidade de não se levar em consideração somente as nuances conceituais, científicas e tecnicistas, pois estas, não são suficientes para dar conta de todos os dilemas que envolvem a profissão.

Embora a sociedade contemporânea seja denominada de a “sociedade do conhecimento”, a submersão nesse universo se traduz em inúmeras mudanças e incertezas. Nessa perspectiva, a centralidade dos estudos na atualidade busca evidenciar a profissão dos professores enquanto categoria que possuem uma pessoalidade e identidade que se constitui ao longo da profissão, mas, somente a partir do ano de 1990, temos no centro das discussões o regresso dos professores e a possibilidade de se repensar e re-significar as práticas a partir da reflexão acerca da sua profissão.

Esse novo perfil de profissional requer uma formação com formulação das práticas pedagógicas, pois, os professores precisam de interatividade e dinamicidade para mourejar com as complexidades da atualidade e os desafios que serão defrontados cotidianamente no exercer da profissão, posto que lidam com uma heterogeneidade em sala de aula que se diferencia culturalmente e socialmente. Surge então, a necessidade de uma metodologia que fomente a reflexão e que repercuta no ensino, contemplando as diferenças dos alunos a partir de métodos dialógicos e que façam sentido, pois, é neste contexto de imposição que há divergência e resistência contra a reprodução do conhecimento, abstraindo-se, as aulas tradicionais que não possuem eficácia, sendo que “isto que nos leva de um lado, a crítica e a recusa do ensino bancário” (FREIRE, 1996; p. 32).

No cotidiano das escolas, o processo de ensino-aprendizagem passou a ser objeto de estudo didático, principalmente em decorrência do estado de constante tensão em detrimento dos desafios que são vivenciadas pelo professor.

Ressaltamos que estamos no momento em que é preciso discutir e repensar a formação para o magistério, com novas articulações entre conhecimentos produzidos pela universidade e os saberes desenvolvidos e incorporados no exercício da prática docente, “até

agora, a formação para o magistério esteve dominada, sobretudo pelos conhecimentos disciplinares, conhecimentos esses produzidos geralmente numa redoma de vidro, sem nenhuma conexão com a ação profissional” (TARDIF, 2002; p. 23). O autor ratifica que ainda é importante compreendermos que “a prática docente não é apenas um objeto do saber das ciências, ela é uma atividade que mobiliza diversos saberes que podem ser chamados de pedagógicos”, pois tal prática apresenta concepções decorrentes da reflexão da práxis do sujeito educador de forma mais abrangente, no entanto, convergem para o arcabouço ideológico das ciências da educação.

Assim, os professores possuem diversos saberes que são oriundos de diversas fontes e que sedimentam a prática docente, para Tardif (2002) existem quatro principais saberes que compõem a prática de um professor, que são eles: os profissionais, sendo que este é adquirido por meio das instituições de formação de professores, no qual, o contato com esses saberes ocorrem no decorrer da trajetória de formação inicial e contínua; os saberes disciplinares que são os diversos campos dos conhecimentos, sendo estes também os culturais, oriundos dos grupos produtores dos saberes sociais; os saberes curriculares e experienciais, sendo que o saber da experiência é destacado como o grau de maior importância para o autor, pois são “saberes que brotam da experiência e são por ela validados” (TARDIF, 2002, p. 38).

Assim, no decorrer de seu exercício, o professor incorpora experiências tanto individual como as coletivas, que são adquiridas a partir do convívio com os professores mais experientes, portanto, esses são os saberes mais eminentes no exercer da profissão, consideramos que a prática do professor está relacionada com fazer docente, porque o professor não faz só aquilo que coloca em prática, ele também faz um pouco de si.

Nesse sentido, Tardif (2002) considera que:

Os professores são considerados práticos refletidos ou reflexivos que produzem saberes específicos ao seu próprio trabalho e são capazes de deliberar sobre suas próprias práticas, de objetiva-las e partilhá-las, de aperfeiçoá-las e de introduzir inovações susceptíveis de aumentar sua eficácia (p. 286).

Os professores incorporam e mobilizam quotidianamente diversos saberes, muito deles são adquiridos mediante as experiências e outros advindos das instituições de ensino repassados nos cursos de formações, logo, os docentes ressurgem como produtores de saberes, rompendo com o estereótipo que se tem de tal categoria, que reduzia os mesmos a meros reprodutores ou transmissores de conhecimento, após muito tempo de invisibilidade, o professor ressurgem como protagonista do processo de ensino, aparentemente se tem uma

problemática a ser equacionada quando nos remetermos a prática e aos saberes do corpo docente, “parece banal, mas o professor é, antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esses saberes aos outros” (TARDIF, 2002, p. 3).

3.3 O Professor de Língua Portuguesa

O professor que atua ministrando aulas de Língua portuguesa desenvolve um papel no âmbito da leitura e da escrita de extrema relevância, possibilitando ao aluno desenvolver o processo de leitura em diálogo e confronto para a construção/negociação dos sentidos do texto e do contexto, promovendo uma educação linguística baseada nos estudos dos tipos e gêneros textuais, entendendo-os “como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo” (MARCUSCHI, IN: DIONISIO, 2002, p. 22). Neste sentido, salientamos o quão relevante é a prática pedagógica do professor quando leva em consideração a didática da Língua, que por sua vez, discuta, além de outros pontos importantes, métodos que sejam eficazes e que atinjam uma formação linguística interativa e significativa.

Para os alunos que provêm de comunidades com pouco ou nenhum acesso a materiais de leitura, ou que oferecem poucas possibilidades de participação em atos de leitura e escrita junto a adultos experientes, a escola poderá ser a única referência para a construção de um modelo de leitor e escritor. Isso só será possível se o professor assumir sua condição de locutor privilegiado, que se coloca em disponibilidade para ensinar fazendo (BRASIL, 1998, p. 66).

Desse modo, o professor tem papel primordial na formação de novos leitores, atuando como mediador nesse processo, motivando os alunos e trabalhando com atividades que possibilitem o desenvolvimento do hábito da leitura. Para tanto, é necessária a aplicação de novos métodos, para que os docentes estejam preparados para trabalhar com diferentes ferramentas, desse modo, de acordo com os PCN (1998), o aperfeiçoamento profissional é fundamental para a superação de práticas tradicionais de ensino.

A formação de professores se coloca, portanto, como necessária para que a efetiva transformação do ensino se realize. Isso implica revisão e atualização dos currículos oferecidos na formação inicial do professor e a implementação de programas de formação continuada que cumpram não apenas a função de suprir as deficiências da formação inicial, mas que se constituam em espaços privilegiados de investigação didática, orientada para a produção de novos materiais, para a análise e reflexão sobre a prática docente, para a transposição didática dos resultados de pesquisas realizadas na linguística e na educação em geral (*ibidi*, p. 67).

Deste modo, os educadores de Língua Portuguesa devem aprimorar suas práticas pedagógicas, visto que atualmente a proposta educacional é a de despertar nos alunos essa competência comunicativa, ou seja, formar leitores críticos. A lógica será transpor a realidade cotidiana dos educandos para a sala de aula, pois, dessa forma, haverá um não só aperfeiçoamento da prática docente, mas também maior interesse dos alunos pelas aulas de práticas de leitura, e estas, por sua vez, apresentam um maior significado para os educandos. Portanto, o professor deve cumprir os requisitos básicos que é mediar o processo de ensino buscando promover a aprendizagem abarcando a codificação e decodificação.

3.4 Leitura

Temos por certo que a todo momento estamos fazendo uso da linguagem, daí surge a inquietação de entendermos o(s) motivo(s) que levam tantos alunos a concluírem o ensino básico com grandes deficiências no que concerne à prática de leitura e, conseqüentemente, escrita. Logo, ao não conseguirem apropriar-se dos mecanismos linguísticos de forma eficaz, esses sujeitos não poderão exercer plenamente seus direitos e suas potencialidades. Desse modo, segundo as OCEM (2006):

levando em consideração que os documentos que parametrizam o ensino fundamental se orientam por perspectiva segundo a qual o processo de ensino e de aprendizagem deve levar o aluno à construção gradativa de saberes sobre os textos que circulam socialmente, recorrendo a diferentes universos semióticos, pode-se dizer que as ações realizadas na disciplina Língua Portuguesa, no contexto do ensino médio, devem propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta. Isso implica tanto a ampliação contínua de saberes relativos à configuração, ao funcionamento e à circulação dos textos quanto ao desenvolvimento da capacidade de reflexão sistemática sobre a língua e a linguagem (BRASIL, 2006, p. 18).

Nesse sentido, durante o ato da leitura, para que seja estabelecido um diálogo consciente entre o que sabemos e aquilo que o texto nos traz de novo, há a necessidade de que nos apropriemos de recursos argumentativos para sustentarmos nossos pontos de vista. Assim sendo, a leitura não pode estar presa a decifração de significados, mas a reformulação desses significados, fazendo com isso que cheguemos às novas ideias e opiniões. Desse modo, compreendemos que é nos textos e pelos textos que podemos adquirir a competência de operar positivamente no processo de nossa formação social, cultural e política. Decerto, Paulo Freire orienta sobre como devem ser postas em prática as atividades de leitura:

Outro recurso didático, dentro de uma visão problematizadora da educação e não “bancária”, seria a leitura e a discussão de artigos de revistas, de jornais, de livros começando-se por trechos. Como nas entrevistas gravadas, aqui também, antes de iniciar a leitura de artigo ou do capítulo do livro se falaria de seu autor. Em seguida, se realizaria o debate em torno do conteúdo da leitura.

[...]

Na proporção em que discutem o mundo da cultura, vão explicitando seu nível de consciência da realidade, no qual estão implicados vários temas. Vão referindo-se a outros aspectos da realidade, que começa a ser descoberta em uma visão crescentemente crítica. Aspectos que envolvem também outros tantos temas (FREIRE, 1987, p. 68).

Justamente para que não sigamos os conceitos de educação “bancária”, na qual “o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é ‘encher’ os educandos dos conteúdos de sua narração.” (FREIRE, *ibid*, p. 33) é que se faz necessário que os conteúdos estejam conectados com a totalidade, para que assim ganhem significado, auxiliando o aluno a buscar sua autonomia.

Entendo que se espera que a escola seja o local onde serão postas em prática as atividades de leitura e ensinados os mecanismos de compreensão e uso da língua materna, é importante deixar claro que o ensino aplicado em uma grande parcela das instituições públicas, por si só, muita das vezes não será capaz de dar os subsídios necessários para que os alunos possam apropriar-se do ato da leitura sem o apoio da família e meio social no qual está inserido, o que dificulta ainda mais o processo de letramento. Segundo Ricardo Azevedo, ao analisarmos a realidade social brasileira, teremos ciência da contradição que é a formação de leitores no Brasil:

Fala-se muito em formação de leitores. Nosso país realmente vai ser outro quando sua população for formada por leitores, gente que saiba diferenciar uma obra literária de um texto informativo, gente que leia jornais, mas também leia poesia; gente, enfim, que saiba utilizar textos em benefício próprio, seja para receber informações, seja por motivação estética, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por puro entretenimento. Considerando nosso desequilíbrio social, formar leitores evidentemente é um imenso desafio. A maioria de nossas crianças é filha de pais analfabetos ou semianalfabetos, ou seja, voltando para casa elas não têm com quem discutir suas lições. E nem mesmo espaço, uma vez que suas casas, muitas vezes um único cômodo, não costumam possibilitar isolamento mínimo que a leitura requer (AZEVEDO, 2002, p.21).

Compreendendo as dificuldades de se trabalhar leitura com um público que não tem esse hábito, há a necessidade de serem criadas estratégias de sedução didática, desse modo, devem ser respeitadas as características dos sujeitos cujas experiências se constroem num espaço social e num tempo histórico. Desse modo, ao buscarmos por melhorias no ensino, as atividades de uso da língua e da linguagem, de acordo com as OCEM, devem primar por

novos conteúdos, além dos tradicionalmente empregados nas aulas de Língua Portuguesa “defendia-se, portanto, que o planejamento, a execução e a avaliação dos resultados das práticas de ensino e de aprendizagem levassem em conta fatores como classe social, espaço regional, faixa etária, gênero sexual.” (BRASIL, 2006, p. 19-20).

Com essa adequação, espera-se que o aluno possa receber um ensino que seja contextualizado e que leve em consideração fatores determinantes sobre esses indivíduos, uma vez que as atividades são de fundamental importância para o desenvolvimento, tanto social, quanto pessoal e, por isso deve ser efetivamente discutida e repensada com a intenção de incentivar o alunado.

CAPÍTULO III

A PRÁXIS PEDAGÓGICA: MATERIALIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS DOCENTE

Nesta seção, elucidamos o delineamento das práticas de ensino que foram executadas por meio das atividades de leitura e reflexão que sedimentaram e possibilitaram a materialização e análises dos dados a partir dos resultados obtidos nas aulas mediante a intervenção.

As atividades de docência vêm sendo desenvolvidas para os alunos do Projeto Universidade Aberta de Abaetetuba (PUAA), sendo que venho realizando tais práticas desde o terceiro semestre da graduação. Logo, essa experiência tem possibilitado o aprimoramento e consolidação de minha prática docente, posto que, o encadeamento entre teoria e prática é o fator determinante para o exercício da profissão, pois ao ensinar eu aprendo e ao formar eu sou formado (FREIRE, 1996). No ensino, aprendo a lidar com o público e com as adversidades que surgem cotidianamente na profissão do professor.

Assim, tendo iniciado as atividades da regência no dia 21 de março de 2018 (Anexo 1), no primeiro momento (*apresentação da situação*), fora explanado aos alunos sobre do que se tratavam as atividades previstas na sequência didática planejada para a turma, foi ressaltada a importância do hábito de leitura - para o desenvolvimento tanto acadêmico quanto pessoal, orientando-os que a leitura não deve ser vista apenas como a decodificação de caracteres e sim como um ato emancipatório³. Para tanto, explanei as considerações sobre a importância do ato de ler - de acordo com Paulo Freire e das Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM).

Posteriormente, contei-lhes sobre minhas experiências com a leitura e como elas foram fundamentais para que eu me desenvolvesse intelectualmente, dessa continuidade em meus estudos e, inclusive, influenciaram na minha escolha profissional. Desse modo, o compartilhamento das minhas experiências possibilitou a aproximação com os alunos, mostrando que, assim como eles, um dia estive nesse momento de indecisões e incertezas, na busca por esclarecimentos e direcionamentos e como as leituras que fiz foram de fundamental importância durante esse processo.

³ Adorno enfatiza a importância da produção de uma consciência verdadeira, no qual a educação não seja a chamada modelagem de pessoa e nem a mera transmissão de conhecimento, mas a produção de uma consciência que possibilite a reflexão e emancipação social dos sujeitos. Ver mais em Educação e Emancipação de Theodor Adorno (2003).

Após esse meu breve relato, iniciando a etapa de *Diagnóstico e produção inicial*. Entreguei um questionário (Anexo 2) para cada um, no qual havia perguntas objetivas e subjetivas, referentes aos hábitos de leitura; a saber, a frequência com que leem, o que (quem) despertou o interesse pela leitura, que gêneros gostavam de ler, entre outras. Além disso, visando que por meio das atividades do projeto, os alunos aprimorassem suas aptidões, no sentido de conseguir estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político, uma das perguntas do questionário referia-se ao que eles entendem sobre o golpe militar, sendo este, o regime ditatorial ocorrido no Brasil, o qual, assim como o gênero distópico, tem como contexto o estado de exceção que se configura como a interrupção do direito (AGAMBEN, 2004).

A partir das orientações, foi solicitado a cada aluno que fosse o mais honesto possível em suas respostas, as quais foram analisadas e organizadas nos gráficos a seguir:

4.1 Análises dos Resultados

Figura 01: Respostas dos alunos referentes ao gosto pela leitura



Fonte: pesquisa de campo/2018. Acervo do autor.

Por meio das análises das respostas, constatou-se que dos trinta e nove alunos, dezoito responderam que praticam a leitura apenas em casos excepcionais, como atividades escolares ou cerimônias religiosas. Tanto a maioria dos que disseram gostar de ler quanto os que disseram não gostar, também relacionaram seus hábitos de leitura a textos religiosos.

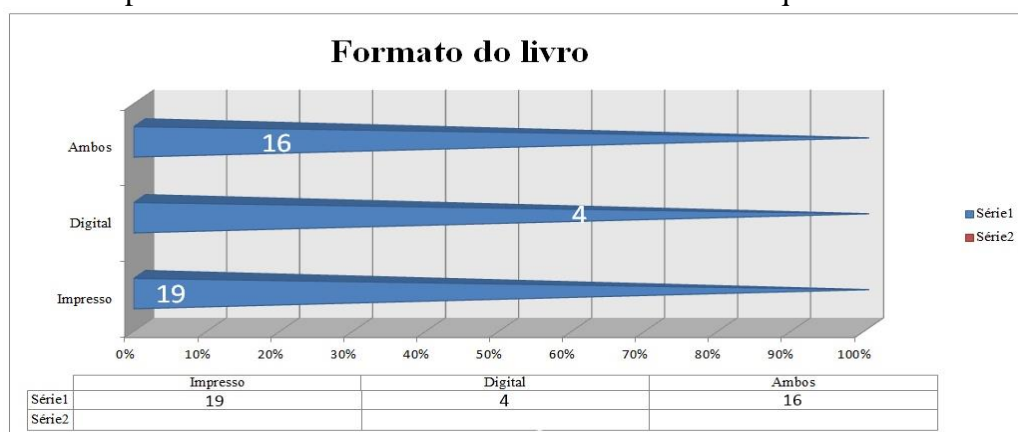
Figura 02: Respostas dos alunos referente à frequência.



Fonte: Pesquisa de campo/Março de 2018. Acervo do autor

Em relação à frequência com que praticam a leitura, a maioria dos alunos indicou ler menos de um livro a cada dois meses, bem como, alguns dentre esses, disseram ler textos curtos, a exemplo de artigos de revistas, outros alegaram não possuir práticas com frequência de leitura, entre esses últimos, houve respostas como: “não tenho hábito de ler ao ponto de ler um livro inteiro”; e “quando a preguiça deixar” – resposta de um dos estudantes indicou gostar de ler.

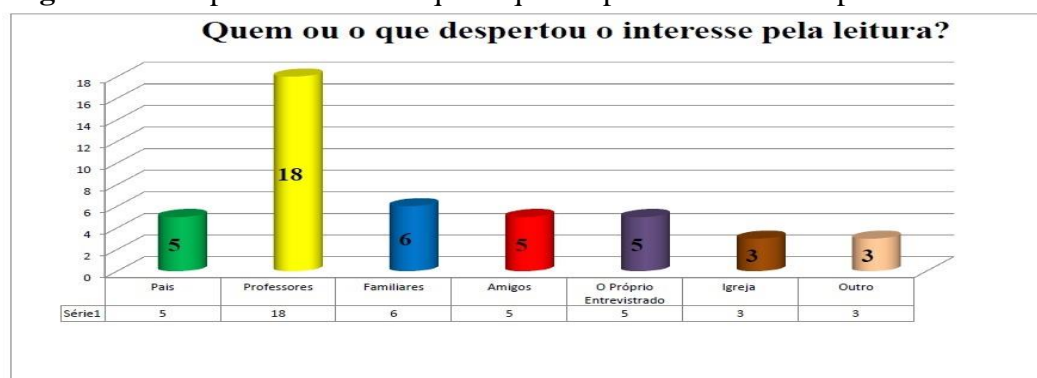
Figura 03: Respostas dos alunos concernente ao formato de livro que leem.



Fonte: Pesquisa de Campo/Março de 2018. Acervo do autor

Quanto ao formato, a maioria indicou ler livros impressos, o que pode ter relação com as obras religiosas e os livros didáticos. Dentre quarenta e dois estudantes, vinte informou que leem apenas obras impressas, foram os que disseram ler tanto textos físicos quanto digitais, nesse sentido, como apresentado no gráfico, houve certa discrepância apenas quanto aos que indicaram ler somente em formato digital.

Figura 04: Respostas acerca de quem/que despertou o interesse pela leitura.



Fonte: Pesquisa de Campo/Março de 2018. Acervo do autor

No que diz respeito a quem/o que despertou o interesse pela leitura, houve expressividade entre os que relacionaram tal prática ao incentivo dos professores, em contra

partida, foram poucos os que disseram ter incentivo em casa, mostrando que a leitura ainda é vista como uma atividade que deve ocorrer no âmbito escolar.

Figura 05: Respostas dos alunos referentes quais leituras tiveram acesso na escola, além do livro didático.



Fonte: Pesquisa de campo/Março de 2018. Acervo do autor

Concernente aos textos utilizados durante as atividades escolares, a maioria indicou ter lido artigos de revistas e gibis, os quais são textos curtos e, de certa forma, de fácil compreensão, além desses, foram indicados também obras clássicas da literatura, as quais, assim como os livros didáticos, estão diretamente atreladas às práticas educativas que são mais eminentes no âmbito escolar.

Figura 06: Respostas referentes os tipos de textos que leem.



Fonte: Pesquisa de Campo/Março de 2018. Acervo do autor

No que tange ao gênero textual que os alunos leem, as obras de conteúdo religioso, como exposto acima, são as lidas com maior reincidência, o que demonstra, de acordo com as respostas, que ainda que a escola seja a maior estimuladora da leitura, são as igrejas que se destacam ao conseguir fazer com que mesmo aqueles que não gostam de ler ou que possuem pouco hábito de leitura, pratiquem com maior frequência.

Após as perguntas estruturadas, analisamos as respostas referentes ao desempenho referente à questão discursiva - utilizada para fazer um levantamento dos conhecimentos dos alunos acerca do Regime Militar – como explicitado anteriormente, fora feita a seleção de

12 alunos mediante a participação dos mesmos em todas as etapas das atividades, desse modo, as respostas foram divididas em três tópicos: a) não souberam responder; b) conhecimentos parciais e c) conhecimentos precisos.

Referente aos que demonstraram conhecimentos parciais, destacamos as seguintes respostas:

Identificação	Respostas
Estudante 1	“Foi no tempo da ditadura, onde o povo não podia questionar as barbaridades que ocorriam na época, conflito na política, a censura em nosso país e não era um país democrático.”
Estudante 2	“Um momento histórico para o povo brasileiro, da forma que derrubamos a Ditadura Militar através de músicas, poesias e através do jornalismo, entre outras coisas que ocorreram no Regime Militar no Brasil. Sobre a censura através do jornalismo, não podendo se expressar naquele fato que ocorreu.”
Estudante 3	“Posso dizer que foi um período de muitos conflitos, por parte do regime e muitas guerras e controle, pois queriam controlar tudo e todos.”
Estudante 4	“O Regime Militar foi um período em que o Brasil encontrava-se em situações críticas.”
Estudante 5	“Foi um período governado apenas por militares, onde a vida daquela sociedade era difícil.”
Estudante 6	“Sei que houve muitos assassinatos,

repressão do governo às mídias, à música, peças teatrais, pessoas de repente sumiam, diversos protestos. Bom, na verdade ocorreram diversas situações que feriam diretamente aos direitos humanos. Sei pouco sobre o assunto, mas irei me informar mais.”

TABELA DEMOSTRATIVA 01

Quanto aos que foram mais precisos em suas respostas, destacamos os seguintes trechos:

Identificação	Respostas
Estudante 7	“Foi um período conturbado, onde o poder estava nas mãos dos militares, não havia liberdade de expressão, as pessoas eram reprimidas e impedidas de expor aquilo que achavam que era certo, a democracia não existia.”
Estudante 8	“Um período bastante violento, onde havia uma hierarquia em que a população era submetida aos militares, os mesmos abusavam do poder. A população por sua vez tentava lutar, no entanto, era coagida.”
Estudante 9	“Foi uma forma de ditadura em que as pessoas perderam a voz, ou melhor dizendo, o direito de se expressar, essa ditadura aconteceu através de um golpe e teve fim a partir dos manifestos e descontentamentos da população, que acabou contribuindo para o fim desse

regime.”

TABELA DEMONSTRATIVA 02

Os estudantes 10, 11 e 12, compõem o grupo dos que não responderam a questão, tendo sido selecionados para que pudesse ser feita uma comparação entre as aptidões nas diferentes etapas das atividades.

Após análise das respostas, elencamos alguns conceitos atribuídos ao Regime Ditatorial, os quais são correlatos às características dos textos distópicos, vide abaixo:

Censura; assassinatos; direitos humanos feridos; controle; repressão; abuso de poder; resistência; falta de democracia; conflitos; barbárie.

Desse modo, tendo ciência da situação e buscando não apenas ampliar o senso crítico dos alunos, mas também proporcionar-lhes a leitura de um gênero literário que os agradasse, no **módulo 1: Conceituação**, apresentei-lhes o termo distopia, cujo conceito era desconhecido pelos alunos, por conseguinte, contextualizei a etimologia da palavra, o contexto histórico em que surgiu, o qual está ligado ao Estado de Exceção, que segundo AGAMBEN (2004) apresenta-se “como um patamar de indeterminação entre democracia e absolutismo” (p. 13); bem como as obras literárias e cinematográficas que se destacaram por apresentar essa temática; em seguida, alguns alegaram conhecer alguns filmes que se assemelhavam às características da distopia.

Ao final da aula, informei aos alunos que durante as atividades trabalharíamos a obra “O Doador de Memórias”, da qual eu já havia feito um resumo, uma vez que não tínhamos tempo de ler a obra na íntegra, e que o postaria no grupo de WhatsApp e que também deixaria o material na fotocopadora para reprodução.

A segunda aula ocorreu no dia 28 de abril de 2018 (Anexo 3), dando início ao **Módulo 2: Leitura e discussão**, buscando fazer um estudo mais aprofundado da Análise do Discurso (AD), a qual é definida pelas OCEM como uma nova nomenclatura para práticas tradicionais, uma vez que “sua abordagem em sala de aula tem se limitado à mera identificação e classificação dos fenômenos linguísticos num dado texto” (BRASIL, 1998, p. 22), sendo assim, visando compreender como as representações de poder se manifestam na obra de Lory, apoiamo-nos na Análise de Discurso Crítica (ADC), buscando relacionar o discurso às questões sociais.

Assim, seguindo essa abordagem realizamos leitura programada, a qual segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) “é uma situação didática adequada para discutir coletivamente um título considerado difícil para a condição atual dos alunos, pois permite reduzir parte da complexidade da tarefa, compartilhando a responsabilidade” (BRASIL, 1998, p.73). Desse modo, fora realizada uma leitura compartimentada e com pausas para comentários mediados por mim.

Como eu ainda não conhecia os alunos por nome, solicitei que se apresentassem e, em seguida, lessem um trecho da obra. Diante disso, fora possível perceber os que já tinham maior contato com a prática da leitura, uma vez que conseguiam fazer uma leitura mais expressiva no sentido de trabalhar bem com a pontuação, entonação e pronúncia das palavras. No entanto, nem todos possuíam essas aptidões, uns liam sem pausas, outros, talvez por falta de segurança, liam de forma quase inaudível e, alguns mudavam a pronúncia das palavras por não fazerem a acentuação correta. Em algumas das situações, busquei intervir para auxiliá-los, primando por uma didática respeitosa e não permitindo brincadeiras constrangedoras, pois não queria que ninguém se sentisse desmotivado a participar. Nesse sentido, os PCN orientam que:

Durante a discussão, além da compreensão e análise do trecho lido, que poderá facilitar a leitura dos trechos seguintes, os alunos podem ser estimulados a antecipar eventuais rumos que a narrativa possa tomar, criando expectativas para a leitura dos segmentos seguintes. Também durante a discussão, o professor pode introduzir informações a respeito da obra, do contexto em que foi produzida, da articulação que estabelece com outras, dados que possam contribuir para a realização de uma leitura que não se detenha apenas no plano do enunciado, mas que articule elementos do plano expressivo e estético (BRASIL, 1998, p. 73).

Mesmo alguns se recusando inicialmente a participar, todos leram pelo menos um trecho. Os que demonstraram ter mais contato com a leitura, espontaneamente, leram mais de uma vez, fazendo, vez ou outra, perguntas quando não compreendiam o significado de algumas palavras e, quando foram interpelados por mim para fazer comentários interpretativos, análises ou saber se compreendiam o significado de algumas expressões, a exemplo, a expressão “dar de ombros”, a qual os alunos não sabiam que significava algo análogo a “não dar a devida importância”, desse modo, entre tantas outras palavras e expressões, puderam ampliar seu vocabulário.

Apesar de ter resumido o livro de 90 em apenas 38 páginas, busquei destacar os pontos principais, bem como manter a progressão da história, com início, meio e fim. Desse modo, a leitura iniciou-se pelo primeiro capítulo, o qual apresenta a organização da sociedade

presente na obra e com o qual podemos discutir o conceito de Comunidade de acordo com Bauman (2003).

... é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada [...] Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita [...] Aqui, na comunidade, podemos relaxar — estamos seguros, não há perigos ocultos em cantos escuros [...] Aqui, na comunidade, podemos relaxar — estamos seguros [...] (BAUMAN, 2003, p. 07-08).

Nesse sentido, segundo o autor, a comunidade é um lugar “confortável”, constituído de relações sociais confiáveis e aprazíveis, que repassa a sensação de algo bom, de apoio, compreensão e segurança, apoio incondicional, mesmo diante de erros, o perdão e ajuda mútua estarão presentes, o ideal de vida pela qual muitas pessoas anseiam.

Consoante à definição de Bauman, a comunidade apresentada em *O Doador de Memórias*, mostra-se, *a priori*, como esse lugar de refúgio e segurança, que se estrutura de forma extremamente ordenada, buscando com isso manter a ordem e a harmonia entre os seus membros. Essas características vão sendo apresentadas de forma intrínseca no decorrer da narrativa, como no primeiro capítulo da obra, no qual uma aeronave sobrevoa a comunidade, assustando a população:

Quando olhou em torno de si, ansioso, Jonas viu outras pessoas, adultos também, além das crianças, interromperem o que faziam e esperarem, confusas, por uma explicação sobre o acontecimento assustador. Então todos os cidadãos ouviram a ordem para entrarem no prédio mais próximo e permanecerem lá. **IMEDIATAMENTE**, disse a voz rascante através dos alto-falantes. **DEIXEM SUAS BICICLETAS ONDE ESTÃO**. No mesmo instante, obediente, Jonas deixou sua bicicleta no caminho, atrás da residência de seus pais. Correu para dentro e ficou lá, sozinho. Ao espiar pela janela da frente, não viu ninguém: nenhuma pessoa das equipes de Limpadores de Ruas, de Funcionários de Paisagismo ou de Entregadores de Alimentos que, todas as tardes, naquela hora do dia, circulavam atarefadas pela comunidade. Naquela ocasião ele tinha ficado assustado. A impressão causada por sua comunidade silenciosa, esperando alguma coisa, dera-lhe um aperto no estômago. Fizera-o tremer. Mas não fora nada. Em poucos minutos os alto-falantes estalaram de novo e a voz, tranquilizadora dessa vez e menos urgente, explicara que um Piloto-em-Treinamento não compreendera direito suas instruções de voo, fizera um percurso errado e, ansiosamente, tentara voltar antes que seu erro fosse percebido. (LOWRY, 2014, p. 07)

Nesse trecho, foi possível compreender como as atividades diárias nessa comunidade são organizadas para que nada fuja ao controle, uma vez ocorrendo algo que mude essa rotina, instaura-se uma situação de alerta na qual a segurança de todos é tida como

prioridade. Desse modo, para que tanto a segurança quanto a boa convivência sejam mantidas, as regras não podem ser desobedecidas.

Vide o trecho abaixo:

...em nome de todo o bem que se supõe que essa comunidade oferece) exige lealdade incondicional e trata tudo o que ficar aquém de tal lealdade como um ato de imperdoável traição. [...] A ‘comunidade realmente existente’, se nos achássemos a seu alcance, exigiria rigorosa obediência em troca dos serviços que presta ou promete prestar (BAUMAN, 2003, p. 09-10).

Nesse sentido, para que se possa ter acesso aos privilégios dessa “comunidade”, é necessário abrir mão da liberdade, uma vez que, diferentemente do que aconteceria em uma “comunidade utópica”, na “comunidade realmente existente”, o conceito de retribuição estará sempre presente, ou seja, tanto a comunidade utópica quanto a existente apresentam as restrições e lacunas, pois, a comunidade utópica presente na obra é suscetível a certas condicionalidades. As contribuições de Bauman (2003) ressaltam que:

Você quer segurança? Abra mão de sua liberdade, ou pelo menos de boa parte dela. Você quer poder confiar? Não confie em ninguém de fora da comunidade. Você quer entendimento mútuo? Não fale com estranhos, nem fale línguas estrangeiras. Você quer essa sensação aconchegante de lar? Ponha alarmes em sua porta e câmeras de tevê no acesso. Você quer proteção? Não acolha estranhos e abstenha-se de agir de modo esquisito ou de ter pensamentos bizarros. Você quer aconchego? Não chegue perto da janela, e jamais a abra [...] (BAUMAN, 2003, p. 10).

É importante salientar que no conceito de comunidade abordado pelo autor são evidenciados acordos e concessões, logo, é lugar paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que se trata e apresenta uma certa hospitalidade, também se tem a privação da liberdade, pois são impostas inúmeras restrições. Desse modo, após a leitura, discussões e considerações feitas, concluímos que para receber os benefícios de se viver nessa comunidade utópica, é necessário estar disposto a seguir as regras, mesmo que estas limitem a liberdade individual, pois foram criadas para manter a ordem e a proteção.

Como a aula teve duração de 2h30min, fora possível ler metade do resumo, o que foi bastante aprazível para os alunos, pois apesar de terem lido em torno de 19 páginas, não foi exaustivo e os alunos queriam continuar lendo, o que demonstrou que estavam gostando da história. A metodologia durante a atividade apresentou grande relevância pelo fato de oportunizar aos alunos ter uma maior compreensão sobre o que estavam lendo. Como relatado posteriormente por alguns, a leitura coletiva e análise os ajudou a atribuir sentido, uma vez que desconheciam alguns conceitos empregados no texto. Nesse sentido, Zilberman (1985) postula que

A proposta de que a leitura seja reintroduzida na sala de aula significa o resgate de sua função primordial, buscando sobretudo a recuperação do contrato do aluno com a obra de ficção. Pois é deste intercâmbio, respeitando o convívio individualizado que se estabelece entre o texto e o leitor, que emerge a possibilidade de um conhecimento do real ampliando os limites (ZILBERMAN, 1985).

Desse modo, fica clara a necessidade de que a leitura seja trabalhada de forma mais enfática, uma vez que muitos dos adolescentes e jovens não leem com frequência, e quando o fazem é por obrigação, portanto, é preciso, pois, recuperar o seu prazer e a necessidade de se informar, logo, o texto ficcional pode estreitar o relacionamento destes com a leitura.

Após a pausa na leitura, no **módulo 3: proposta de atividade** solicitei que eles se organizassem em cinco grupos para realizarem uma atividade na aula seguinte. Ao definirem a formação das equipes, fora feita a divisão dos conteúdos por meio de sorteio, desse modo, as equipes foram orientadas a pesquisar sobre os conceitos de ideologia, trabalho, política, indivíduo e cultura, ficando cada uma com um tema e tendo que contextualizá-los na obra. Com isso, demos outra significância ao trabalho com leitura, como postulam as OCEM (2006):

[...] ressalte-se que a assunção de uma interdisciplinar não é um movimento que se deva dar exclusivamente no âmbito da disciplina Língua Portuguesa, mas deve, sim, refletir uma opção metodológica orientadora do projeto político-pedagógico da escola. Nesse caso, trata-se de um projeto que aposta que a atividade de conhecer/aprender um dado objeto se pode organizar sistematicamente a partir de uma lógica que propicie que o objeto em foco seja construído/ abordado por meio de diferentes lentes, isto é, a partir de diferentes olhares advindos do conjunto de disciplinas escolares que compõem o currículo ou de diferentes recortes advindos de áreas de conhecimentos. A assunção de tal postura pode, certamente, propiciar que o aluno tenha uma visão/concepção do objeto mais plástica, mais crítica, mais rica e, portanto, mais complexa (BRASIL, 2006, p. 27).

Desse modo, por meio de uma abordagem interdisciplinar, fora possibilitado que eles analisassem, interpretassem e relacionassem o texto com seu contexto, buscando propiciar uma compreensão mais consistente sobre a estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção, uma vez que a ACD apresenta “lacunas metodológicas e teóricas” (Van Dijk, 1998, p. 131), pois “a interface cognitiva entre as estruturas do discurso e as do contexto social local e global raramente é explicitada e surge normalmente apenas em termos de noções de conhecimento e ideologia.” (*ibid*). Nesse sentido, os alunos foram orientados a adotar uma abordagem, entre outras, de conceitos e teorias da Sociologia, Filosofia e de Ciência Política, para que, desse modo, fossem feitas críticas à sociedade que contemplassem aspectos sociais, políticos e culturais.

Assim, durante a semana que correu, as equipes realizaram encontros em bibliotecas, laboratórios de informática e em outros lugares, tanto para dar continuidade na leitura de *O Doador de Memórias*, quanto para pesquisar sobre os conceitos e analisar como estes são representados na obra.

Na terceira aula, que ocorreu no dia 04 de abril de 2018 (Anexo 4), enquanto alguns alunos demonstravam nervosismo por conta das apresentações, uns liam suas pesquisas, outros me faziam perguntas sobre algumas dúvidas antes de iniciarmos a atividade. Depois de organizarmos as cadeiras formando um círculo, por meio de sorteio, iniciamos o **Módulo 4: pesquisa e discussão**, no qual as equipes foram realizando suas apresentações.

A primeira equipe a se apresentar abordou o conceito de ideologia e como esta se manifesta em *O Doador de Memórias*, que, segundo os alunos, “é um conjunto de ideias que influenciam o comportamento coletivo ou individual” e, na obra, “ocorre por meio de normas de conduta que são extremamente dominadoras, controlando a vida dos indivíduos daquela sociedade desde a concepção até a morte, além de controlar as informações sobre os conhecimentos do passado”, tornando-os “alienados” e não conseguindo “refletir sobre sua condição”. Nesse sentido, a equipe destacou o seguinte trecho da obra:

Atiçamentos. Jonas escutara antes aquela palavra. Lembrava-se que havia uma referência aos Atiçamentos no Livro de Regras, embora não lhe ocorresse o que dizia. E de vez em quando o Locutor o mencionava. “ATENÇÃO! LEMBRANDO QUE OS ATIÇAMENTOS DEVEM SER COMUNICADOS PARA QUE SE PROCEDA AO TRATAMENTO.”

[...]

– Por quanto tempo vou ter de tomá-las?

– Até entrar para a Casa dos Idosos – explicou ela. – Durante toda a sua vida adulta. Mas vira rotina: depois de um tempo, você nem vai prestar mais atenção nisso. – Olhou para o relógio. – Se sair agora, vai chegar a tempo na escola, sem atraso. Corra. E obrigada mais uma vez, Jonas – acrescentou, enquanto ele se dirigia para a porta –, por seu sonho.

Pedalandando rapidamente pelo caminho, ele se sentiu estranhamente orgulhoso por ser parte daqueles que tomavam as pílulas. Por um momento, entretanto, ele lembrou-se outra vez do sonho. O sonho fora prazeroso. Apesar dos sentimentos confusos, ele achava que gostara daquilo que sua mãe chamava de Atiçamentos. Lembrou-se de que, ao acordar, tivera vontade de senti-los de novo.

Então, da mesma forma como sua residência sumiu atrás de si quando dobrou uma esquina em sua bicicleta, o sonho sumiu de seus pensamentos. Muito ligeiramente, com um pouquinho de culpa, ele tentou resgatá-lo. Mas a sensação desaparecera. Os Atiçamentos tinham passado. (LOWRY, 2014, p. 28-30)

A partir das discussões referentes ao trecho acima foi possível associar o fato de como o Estado utiliza-se de instrumentos para gerir a vida das pessoas, configurando o que comumente o pensador francês Michel Foucault compreende e nomeia de biopolítica, sendo

esta uma ferramenta tecnológica na qual o soberano se apropria da vida dos indivíduos, característica esta, eminente no estado moderno, essas relações estão cada vez mais sendo engendradas pelos Estados contemporâneos e pode ser identificada em situações muito sutis, em que muitas vezes não as percebemos. O enxerto acima demonstra claramente que os sentimentos e sensações eram abstraídos pelo uso da pílula, no qual Jonas sente vontade de resgatar e voltar a ter a mesma sensação, mas tal desejo é controlado conforme os interesses de quem governava a comunidade.

Logo, os mecanismos biológicos dos indivíduos passam a integrar o cálculo da gestão do poder, a exemplo disso são as regulações das proporções de nascimentos e de óbitos, a taxa de reprodução, a fecundidade da população, a incidência de doenças, a longevidade, etc. (FOUCAULT, 1999, p. 289-290). Desse modo, a espécie humana torna-se acessível ao Estado, que nela ele poderá intervir, Foucault (2008) denomina “sociedade de segurança” as sociedades modernas, em que as técnicas biopolíticas estão inseridas nos cálculos do governo, deste modo:

(...) a segurança, sem proibir nem prescrever, mas dando-se evidentemente alguns instrumentos de proibição e de prescrição, a segurança tem essencialmente por função responder a uma realidade de maneira que essa resposta anule essa realidade a que ela responde-anula, ou limite, ou freie, ou regule. Essa regulação no elemento da realidade é que é, creio eu, fundamental nos dispositivos de segurança. (2008, p. 61).

Relacionando os acontecimentos da narrativa com o contexto social, além dos conceitos já mencionados, discutimos também, sobre como a ideologia, apresenta-se por meio de “sistemas que sustentam e legitimam a oposição e a resistência contra o domínio da injustiça e a injustiça social (VAN DIJK, 1998, p. 16), é sabido que a ideologia é usada pelo Estado como mecanismo de controle social. Nesse sentido, vimos que assim como outrora a Igreja atuou como maior aparelho ideológico, atualmente a escola vem cumprindo esse papel. Para discutirmos como se dá a atuação do controle através desses aparelhos, nos pautamos, entre outras, nas análises de Althusser (1985), o qual considera que são inúmeras as instituições de base ideológica, a exemplo da Igreja durante a Idade Média que “acumulava muitas das funções hoje atribuídas a vários aparelhos ideológicos de Estado distintos, em particular funções escolares e culturais.” (p. 57) e, na contemporaneidade, continua sendo um mecanismo de reprodução da ideologia dominante, pois, de acordo com Althusser (1985):

[...] Desde a pré-primária, a Escola toma a seu cargo todas as crianças de todas as classes sociais e [...] inculca-lhes durante anos em que a criança está mais “vulnerável”, entalada entre o aparelho de Estado familiar e o

aparelho de Estado Escola envolvidos na ideologia dominante (ALTHUSSER, 1985, p. 64)

Desse modo, pudemos compreender como o Estado utilizou e continua utilizando-se de mecanismos de dominação, que não exijam força física, mas sim controle mental, violência simbólica que objetiva a reprodução e manutenção das relações de exploração, as quais sempre estiveram presentes na luta de classes e estão ligadas ao capital financeiro e cultural.

O segundo tema discutido na aula foi política, a qual foi conceituada como “um sistema com o objetivo de zelar pela sociedade como um todo” e “de forma democrática, é muito importante para a sociedade”. Desse modo, lembrando alguns conceitos discutidos na aula anterior, eles destacaram como a sociedade da obra se organiza para manter a segurança e bem-estar da comunidade, sendo regidos por regras, que se quebradas, podem gerar consequências irreparáveis. Dentre os trechos utilizados como exemplo, destaco:

Em seguida, a Mãe, que ocupava um cargo proeminente no Departamento de Justiça, falou sobre seus sentimentos. Naquele dia, um infrator reincidente fora levado a ela, alguém que já desrespeitara as regras antes. Alguém que ela esperava ter sido convenientemente punido, com justiça, e que fora reintegrado em sua posição: em seu trabalho, em seu lar, em sua unidade familiar. Vê-lo diante de si pela segunda vez despertou nela sentimentos avassaladores de frustração e de raiva. Até de culpa, por não ter exercido influência alguma na vida dele.

– Fiquei assustada, também, por ele – admitiu. – Vocês sabem que não existe uma terceira oportunidade. As regras dizem que, se ocorrer uma terceira transgressão, a pessoa simplesmente tem de ser dispensada.

Jonas estremeceu. Sabia que isso de fato acontecia. Havia um menino em seu grupo de Onze cujo pai fora dispensado anos atrás. Ninguém jamais comentava o assunto; a desonra era inexprimível, difícil de imaginar (LOWRY, 2014, p. 11-12).

Procurei sempre manter o diálogo para que eles se sentissem a vontade, para tanto, contei um pouco sobre minhas experiências com a política, mas especificamente com o voto e como, por muito tempo, tratei essa questão com pouca relevância, o que fez com que eles se sentissem motivados a dialogarem sobre como escolhem seus representantes no período das eleições e como a maioria é jovem, foram inúmeros os relatos de que os pais é que indicam em quem eles devem votar. Diante disso, falei-lhes sobre a importância de fazerem escolhas conscientes, uma vez que eles devem estar preparados para interagir e intervir em outras esferas sociais, de forma consciente e crítica.

Trata-se, assim, não apenas de considerar as trajetórias dos alunos, vinculadas às práticas dos grupos sociais dos quais participam, como também de possibilitar sua inserção efetiva em novas esferas sociais, segundo seus anseios como profissionais e cidadãos. Trata-se, noutros

termos, de possibilitar que os alunos possam, efetivamente, assumir uma postura reflexiva que lhes permita tomar consciência de sua condição e da condição de sua comunidade em relação ao universo das práticas letradas de nossa sociedade para poder atuar nelas de forma ativa, como protagonistas na ação coletiva (BRASIL, 2006, p. 28).

Após isso, ainda por meio de sorteio, o terceiro e último tema a ser discutido na aula, por conta do tempo, fora o conceito de cultura, o qual eles definiram como “hábitos adquiridos pelo ser humano, não somente no contexto familiar, mas em âmbito social”, esses hábitos e costumes incluem “o conhecimento, a arte, as crenças e tradições”, as quais “podem variar de região para região” e, ainda que divirjam uma das outras, “devem ser aceitas e respeitadas”. Logo, ao considerarmos que ao falarmos em cultura, não devemos limitar o termo à singularidade, pois esta é constituída de uma diversidade, compreendemos assim, que o mais adequado é empregar termo “culturas” (CHAUÍ, 2006).

Como feito pelas equipes anteriores, o conceito foi analisado na obra. Assim, os alunos exemplificaram as normas da exigência da precisão de linguagem:

Havia sido treinado desde a mais tenra infância, desde que começara a aprender a falar, a nunca mentir. Isso era parte integrante do aprendizado da precisão da linguagem. Certa vez, quando era um Quatro, dissera, pouco antes da refeição do meio-dia na escola: “Estou morrendo de fome.” Imediatamente fora chamado a um canto para uma breve aula particular de precisão da fala. Ele não estava morrendo de fome, explicaram-lhe. Ele estava *com fome*. Ninguém na comunidade morria de fome, nunca estava morrendo de fome, jamais morreria de fome. Dizer “morrer de fome” era falar uma mentira. Mentira involuntária, claro. Mas a razão da exigência de precisão de linguagem era garantir que mentiras involuntárias jamais fossem ditas. Entendeu isso? – perguntaram-lhe. E ele entendera (LOWRY, 2014, p. 49)

Nesse sentido, fica claro que a precisão de linguagem é uma das bases culturais da comunidade, pois a não utilização desta poderia levar à mentira, mesmo que involuntária. Desse modo, a razão da exigência de precisão de linguagem é fundamental para que uma das regras de convivência não fosse burlada.

Outra norma destacada pela equipe fora a tradição de falar sobre os sentimentos à noite:

– Quem quer ser o primeiro desta noite a falar dos sentimentos? – perguntou o pai de Jonas quando terminaram a refeição. Era um dos rituais, o relato noturno dos sentimentos. Às vezes Jonas e a irmã, Lily, disputavam quemalaria primeiro. Os pais deles, é claro, participavam do ritual: eles também falavam sobre seus sentimentos a cada noite. Como todos os pais, entretanto – todos os adultos

-, eles não discutiam nem engambelavam ninguém para ter a vez (LOWRY, 2014, p. 09)

Assim, concluímos que divergindo das formas como a cultura é representada em nossa sociedade, a qual passa por constantes transformações, na comunidade da obra, esta é representada por comportamentos estáticos, ou seja, tradições imutáveis. Salientando que a cultura possui seu ritmo próprio, tanto de conservação e mudanças, o que estará diretamente atrelado ao contexto e as dinâmicas sociais. Desse modo, fora possível observar que, na obra, em decorrência do extremo controle social, é notório a busca pela manutenção inexorável dos hábitos.

Na terceira aula, que ocorreu no dia 11 de abril de 2018 (Anexo 5), ainda no *módulo 4*, continuamos discutindo os temas, tendo sido a questão do indivíduo sorteada como primeiro conceito a ser explanado na aula, o qual fora definido como “um ser individual, conhecido pela sua existência única e indivisível. Este termo costuma ser utilizado como sinônimo de cidadão, ou seja, um ser humano inserido num ambiente social”, o qual deve exercer “um papel social que sirva tanto para o desenvolvimento pessoal quanto para o progresso do grupo”. Buscando exemplificar essa questão, os alunos destacaram o seguinte trecho:

Como na dispensa de Edna, recentemente. Você conheceu Edna?

Jonas sacudiu a cabeça. Não se recordava de nenhuma Edna.

– Bem, eles tentaram fazer a vida dela parecer significativa. Evidentemente – acrescentou Larissa, afetada –, *todas* as vidas são significativas, não digo que não sejam. Mas a da *Edna*, céus... Ela foi Mãe-biológica, depois trabalhou na Produção de Alimentos durante anos, até vir para cá. Nem chegou a ter uma unidade familiar.

Larissa levantou a cabeça e olhou ao redor para certificar-se de que ninguém estava escutando. Depois confidenciou:

– Acho que a Edna não era muito inteligente.

[...]

– Mas a vida de Roberto foi maravilhosa – prosseguiu, após um momento.

– Ele foi Instrutor de Onzes – e você sabe muito bem como isto é importante –, além de ter participado do Comitê de Planejamento. E, céus, não sei como encontrou tempo, mas também criou dois filhos muito bem-sucedidos e, *ainda por cima*, fez o projeto de paisagismo da Praça Central. Não fez o trabalho braçal, evidentemente (LOWRY, 2014, p. 25).

Nesse sentido, ao discutirmos sobre a importância dos indivíduos, para tanto, nos pautamos nas considerações de Agamben (2002), o qual compreende o simples viver é como “zoé”, *como* a vida desprovida de qualquer qualificação política, enquanto “bíos” é o nome atribuído a uma maneira específica de se viver, característica de uns simples individuais ou

de uma coletividade – em outras palavras, a *bíos* simboliza “uma vida qualificada, um modo particular de vida” (AGAMBEN, 2002, p. 9). Desse modo, vimos como na obra os indivíduos são valorizados ou não de acordo com suas funções e participação no âmbito social.

Em seguida, a última equipe apresentou suas pesquisas sobre o conceito de trabalho, que segundo os alunos “é um conjunto de atividades realizadas por indivíduos, com objetivo de atingir uma meta”. Para Karl Marx é a atividade sobre a qual o ser humano emprega sua força para produzir os meios para seu sustento, vide o trecho da obra que retrata a relação de força como um mecanismo que diferencia os sujeitos uns dos outros:

A Anciã-Chefe deu prosseguimento ao seu discurso.

– Esta é a ocasião – começou ela, olhando direto para eles – em que reconhecemos as diferenças. Vocês, Onzes, passaram todos os anos até agora aprendendo a adaptar-se, a padronizar seus comportamentos, a controlar todo impulso que pudesse separá-los do grupo. Hoje, porém, nós acatamos suas diferenças. Elas determinaram o futuro de cada um de vocês (LOWRY, 2014, p. 37).

Pode-se observar que os fatos que ocorrem na obra são análogos com que acontecem na nossa sociedade ficando evidente que o controle sobre as funções, a seleção e padronização dos o indivíduo, no qual a competência de cada um determinará como será o futuro, o governo, soberano é representado por aquele que decidiu o valor da vida dos indivíduos.

Após terem feito suas considerações, no **módulo 5**, retomamos os conceitos atribuídos ao Regime Militar e foram acrescidos os conceitos compreendidos por meio da leitura da obra distópica, bem como o conteúdo moral, projeção de como os dilemas morais contemporâneos se configurariam no futuro, privação da liberdade de escolha, personagens subversivos ao sistema, entre outros.

Após esse momento, como ainda tínhamos aproximadamente 1h de aula, por meio de apresentação em slides, contextualizei os diferentes tipos de poder em diferentes momentos históricos, começando pelo de Estado de Natureza. Assim, dialogamos acerca das considerações de Hobbes sobre o homem em seu estado natural, no qual este é livre para fazer suas escolhas sem se importar com o outro, pois segundo o filósofo, no Estado de Natureza por ser livre e poder usar seu poder e força em prol de interesses particulares, o homem encontra-se em uma espécie de luta de todos contra todos para defender os direitos próprios. Desse modo, entendendo que o “homem é o lobo do homem”, chegamos à compreensão de que para superar essa situação de caos, a atuação do Estado será de suma

importância para a instauração da paz social e, assim, seja garantido o desenvolvimento sadio da vida em sociedade.

Desse modo, compreendendo a importância do Estado, porém divergindo do posicionamento de Hobbes de que o Soberano deve ser o detentor do poder, discutimos sobre o modelo político democrático, o qual, desde seus primórdios, apresenta-se como mais adequado por ser construído por decisões coletivas, claro, seguindo os preceitos de cada época.

Além disso, dialogamos também sobre o Poder da Igreja durante a Idade Média, período no qual não havia nenhum Estado forte na Europa ocidental, quando a Igreja aliou-se aos nobres, a classe de onde saíam os seus membros. Nesse sentido, de acordo com Chauí (1980), compreendemos como ocorre a troca de interesses que leva ao arranjo ideológico:

A divisão do trabalho, ao separar os homens em proprietários e não-proprietários, dá aos primeiros poder sobre os segundos. Estes são explorados economicamente e dominados politicamente. Estamos diante de classes sociais e dominação de uma classe por outra. Ora, a classe que explora economicamente só poderá manter seus privilégios se dominar politicamente e, portanto, se dispuser de instrumentos para essa dominação. Esses instrumentos são dois: o Estado e a ideologia. (CHAUI, 1980, p. 115-116).

Na perspectiva das colocações de Chauí, a igreja exercia sua dominação por meio da propagação de sua ideologia no qual são constatados os delitos e os estereótipos veiculados por tal instituição, sendo esta, um mecanismo de dominação, o catolicismo preponderava e estereotipava sua visão sobre o islamismo e principalmente acerca do judaísmo.

No dia 18 de abril (Anexo 6), dando continuidade a contextualização das diferentes representações de poder que são evidenciadas na história analisamos assim, por meio de vídeos, alguns contextos de Estado de Exceção, que de acordo com Agamben (2004, p. 12) “apresenta-se como a forma legal daquilo que não pode ter forma legal”. Por essa perspectiva, analisamos dois momentos que se deram no século XX, a shoá⁴ que aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial que desencadeou as torturas, bem como assassinatos ocorridos no Regime ditatorial brasileiro a partir da década de 1960.

Como material de base, usamos quatro vídeos, a saber, “para que o mundo jamais se esqueça do holocausto” e “Auschwitz – experimentos médicos (parte I)” com os quais

⁴ As barbáries cometidas no século passado e que não ganham evidências na historiografia tradicional vem à tona através da arte literária vemos o genocídio étnico do povo judeu e, “hoje o nome de “Auschwitz”, símbolo da Shoah, continua sendo o emblema daquilo que não pode e não deve ser esquecido: daquilo que nos impõe um “dever de memória” (GAGNEBIN, 2006, p.98)”.

podemos entender alguns acontecimentos da Segunda Guerra além de “Porque não devemos ter saudades da Ditadura Militar” e “Torturada e morta: Aurora Nascimento furtado”, tendo sido ambos retirados do Youtube e fundamentais para elucidar a questão do abandono do vivente ao direito, caracterizando a exceção que se configura na suspensão do direito e legitimação da barbárie. O governo mantém seu comprometimento com as guerras, mesmo que isso custe infringir o direito de outrem. Desta forma, discutimos como tanto a shoá quanto a ditadura militar no Brasil, estão correlacionados, visto que o “movimento político-militar que desfechou o golpe de Estado que, [...] destituiu o governo democrático constitucional da República, em abril de 1964, e seus desdobramentos históricos” (SEGATTO, 2014, p. 41), ambos se configuram como um período de exceção, no qual o governo mantém seu comprometimento com a ilegalidade, deixando os cidadãos alheios aos seus direitos.

Ao discutirmos questões como as relações sociopolíticas, a partir de uma análise do Estado, seus aparelhos ideológicos e sua influência na sociedade estarão, de acordo com Theodor Adorno, confirmando que:

O centro de toda educação política deveria ser que Auschwitz não se repita. Isto só será possível na medida em que ela se ocupe da mais importante das questões sem receio de contrariar quaisquer potências. Para isto teria de se transformar em sociologia, informando acerca do jogo de forças localizado por trás da superfície das formas políticas. Seria preciso tratar criticamente um conceito tão respeitável como o da razão de Estado, para citar apenas um modelo: na medida em que colocamos o direito do Estado acima do de seus integrantes, o terror já passa a estar potencialmente presente (ADORNO, 1995, p. 136).

Nessa perspectiva, as contribuições desses autores foram fundamentais para a construção do arcabouço teórico sobre as relações de poder, tanto no que concerne à análise de *O Doador de Memórias*, quanto para as discussões em sala de aula, uma vez que possibilitaram uma abordagem contextual. Salientando, assim, que a existência de um texto depende de que alguém o processe em algum contexto no qual possibilite trabalhar com aspectos que tangencie a interdisciplinaridade, foram de suma importância.

Em posse de todos os instrumentos didáticos e a partir da exibição dos vídeos, os alunos realizaram um simulado (Anexo 7) constituído de 04 perguntas objetivas, retiradas de provas anteriores do ENEM, abordando contextos políticos e sociais e 01 pergunta subjetiva, referente à transcrição de uma entrevista de um parlamentar, sobre a qual fora solicitado dos alunos que analisassem o texto e verificassem se havia discurso de poder e com quais elementos eles poderiam ratificar tal categoria.

Ao ser feita a correção das questões objetivas, verificou-se que dentre os 12 alunos selecionados como amostra para avaliação de desempenho, todos acertaram a questão concernente ao “mito da superioridade racial do homem branco” (ENEM 2017); 08 alunos responderam corretamente à questão sobre “manipulação ideológica no período da ditadura militar” (ENEM 2017); 09 alunos acertaram a questão referente ao conceito de democracia para Habermas, (ENEM 2017); Em relação à questão sobre violência infantil (ENEM 2016), apenas 03 alunos obtiveram êxito.

QUADRO COMPARATIVO DAS ATIVIDADES

Identificação	Desempenho na primeira atividade	Desempenho na atividade final
Estudante 1	“Foi no tempo da ditadura, onde o povo não podia questionar as barbaridades que ocorriam na época, conflito na política, a censura em nosso país e não era um país democrático.”	<p><i>“E fazendo um trabalho que o Regime Militar não fez, matando uns trinta mil. Começando com o FHC, não deixando ninguém de fora não, matando.”</i></p> <p>“Essas frases são de discurso de poder, devido à forma expressa em cada uma, desrespeitando a sociedade e a vida de cada um como se não valesse nada, sem se importar com as consequências.”</p>
Estudante 2	“Um momento histórico para o povo brasileiro, da forma que derrubamos a Ditadura Militar através de músicas, poesias e através do jornalismo, entre outras coisas que ocorreram no Regime Militar no Brasil. Sobre a censura através do jornalismo, não podendo se expressar naquele fato que ocorreu.”	<p><i>“Eu sou favorável à tortura, tu sabe disso... e o povo é favorável à tortura também...”</i></p> <p>“Por meio dessas palavras o entrevistado informa que é uma pessoa que fala pelo povo, mas o povo não concorda com algumas de suas palavras.”</p>
Estudante 3	“Posso dizer que foi um período de muitos conflitos, por parte do regime e muitas guerras e controle, pois queriam controlar tudo e todos.”	<p><i>“parte logo para a Ditadura. Agora, não vai falar de Ditadura Militar aqui, só desapareceram 282, a maioria marginais assaltantes de banco, sequestradores...”</i></p> <p>“Acredito que nessa época foi cruel demais e levou</p>

muitos à mortes trágicas, pelo pouco que pude observar foi o pior dos governos que já existiu só de saber o que eles permitiam que fizesse com os seres humanos era torturante.”

Estudante 4 “O Regime Militar foi um período em que o Brasil encontrava-se em situações críticas.” *“Não é com crise que se cresce, essa palhaçada que a gente vê na imprensa por aí, né?”*

“Hoje em dia o que mais se vê é propaganda na televisão com propostas de mudanças, mas essas propostas são influenciadas pelo governo e sempre ficam no papel. A crise tá aí e o que o governo tá fazendo? Apenas colocando uma capa da que tá tudo bem, mas não é assim, fazemos parte do país e temos o dever de interferir e questionar o que se faz.”

Estudante 5 “Foi um período governado apenas por militares, onde a vida daquela sociedade era difícil.” *“Pessoa que manda”*

“Política e poder estão diretamente interligados, pois a política exerce grande poder sobre a sociedade, influenciando na vida do cidadão pelo fato de vivermos em um ambiente regido pela política.”

Estudante 6 “Sei que houve muitos assassinatos, repressão do governo às mídias, à música, peças teatrais, pessoas de repente sumiam, diversos protestos. Bom, na verdade ocorreram diversas situações que feriam diretamente aos direitos humanos. Sei pouco sobre o assunto, mas irei me informar mais.” *“Eu sou favorável à tortura”; “Através do voto, ‘cê’ não vai mudar nada nesse país. Nada! Absolutamente nada... e só vai mudar, infelizmente, quando nós partirmos para uma guerra civil aqui dentro, né?” “E fazendo um trabalho que o Regime Militar não fez, matando uns trinta mil.” “Tudo quanto é guerra morre inocente”*

“Esse entrevistado é, no mínimo, um sociopata, que não se importa nem com a vida dele e também em suas frases podemos perceber o quanto nós como população estamos em desvantagem e somos alienados todos os dias pela mídia, nos alimentamos apenas do que eles querem e colocamos essas pessoas no poder sem até mesmo sabermos o

real motivo.”

Estudante 7 “Foi um período conturbado, onde o poder estava nas mãos dos militares, não havia liberdade de expressão, as pessoas eram reprimidas e impedidas de expor aquilo que achavam que era certo, a democracia não existia.”

“Dar porrada no Chico Lopes. Eu até sou favorável , na CPI no caso Chico Lopes, tivesse pau de arara, ele merecia isso, pau de arara, funciona. Eu sou favorável à tortura”

“Um discurso totalmente desumano, como se as pessoas tivessem o direito de torturar as outras por acharem que elas merecem isso por irem contra alguma ideologia.”

“Agora, não vai falar de Ditadura Militar aqui, só desapareceram 282, a maioria marginais assaltantes de banco, sequestradores...”

“É equivocado falar que eram marginais, porque sabemos que eram pessoas de bem, lutando pelos seus direitos e por um país melhor.”

“Através do voto, ‘cê’ não vai mudar nada nesse país.”

“Sabemos que a democracia é o melhor caminho e que é através do voto, sim, que podemos mudar o futuro do nosso país.”

Estudante 8 “Um período bastante violento, onde havia uma hierarquia em que a população era submetida aos militares, os mesmos abusavam do poder. A população por sua vez tentava lutar, no entanto, era

“Eu sou favorável à tortura”; “parte logo para a Ditadura. Agora, não vai falar de Ditadura Militar aqui, só desapareceram 282, a maioria marginais assaltantes de banco, sequestradores...”; “e só vai mudar, infelizmente, quando nós partirmos para uma guerra civil aqui dentro, né?” “fazendo um trabalho que o Regime Militar não fez,

coagida.”

matando uns trinta mil. Começando com o FHC, não deixando ninguém de fora não, matando. Se vai morrer alguns inocentes? Tudo bem.”

“Observa-se que em todos os fragmentos acima existem características do discurso de poder, pois os mesmos dispõem de pensamentos equivocados, que ‘assassinam’ os direitos humanos.”

Estudante 9 “Foi uma forma de ditadura em que as pessoas perderam a voz, ou melhor dizendo, o direito de se expressar, essa ditadura aconteceu através de um golpe e teve fim a partir dos manifestos e descontentamentos da população, que acabou contribuindo para o fim desse regime.”

“Eu sou favorável à tortura”

“Evidência a tortura como sendo um ponto positivo para a sociedade.”

“Através do voto, ‘cê’ não vai mudar nada nesse país.”

“Expressa sua opinião a respeito do voto, como sendo algo sem valor ou importância.”

“Só vai mudar quando nós partirmos para uma guerra civil.”

“Demonstra que em seu ponto de vista, só haverá mudanças através de uma guerra, sendo esta a solução para todas as mazelas sociais.”

“Nesse contexto, pode-se concluir que o entrevistado exalta o seu sentimento de mudanças através de um governo ditatorial, onde o que prevalece é a força.”

Estudante 10 Não soube responder

“O congresso hoje em dia não serve para nada... Só vota o que o presidente quer. Se ele é e pessoa que manda, que tripudia, dê logo um golpe, parte logo para a Ditadura.”

“Observa-se que o povo não tem liderança alguma no congresso, o poder democrático que os partidos tanto falam em suas

campanhas publicitárias que teremos, na verdade, não existe, e, infelizmente, nosso voto não vale tanto, pois elegemos o presidente, só que eles decidem e não o povo. Se a democracia realmente acontecesse e fosse persistente em suas regras, acredito que no Brasil não tivesse pobreza.”

Estudante 11 Não soube responder

“Pau de arara funciona”; “Parte logo para a ditadura”; Só desapareceram 282, a maioria marginais, assaltantes de banco, sequestradores...”; “matando uns trinta mil”; “se vai morrer alguns inocentes? Tudo bem.”

“Os trechos acima evidenciam o favorecimento da tortura, de um país onde as pessoas não podem se expressar, ninguém tem liberdade para nada. Também relata o descaso com as pessoas quando o texto fala sobre o desaparecimento de alguns marginais é revoltante, pois se esquece das famílias que jamais voltaram a ver seus familiares.”

“Então se percebe que os seres humanos são vistos como meros objetos que podem ser descartados a qualquer momento.”

“Se vai morrer alguns inocentes? Tudo bem.”

“Esse trecho foi o mais impactante, pois nele há contrariedade, o discurso pede por um país melhor, mas não consigo ver um país melhor onde pessoas inocentes morrem, não tendo respeito algum pela vida humana.”

Estudante 12 Não soube responder

“só vai mudar, infelizmente, quando nós partirmos para uma guerra civil aqui dentro”; “Se vai morrer alguns inocentes? Tudo bem.”

“Acredito que uma guerra civil não é a forma certa para melhorarmos a situação do Brasil. Não é justo que pessoas inocentes morram por

causa de pessoas que não são honestas com o povo.”

TABELA DEMOSTRATIVA 03

De acordo com as respostas, dos estudantes 1, 2, 3, 4, 5 e 6, os quais deram respostas pouco articuladas na atividade inicial, fora possível perceber que as análises feitas acerca do discurso de poder presente no texto demonstram que conseguiram relacionar os conceitos estudados durante as atividades de leitura, construindo assim, uma interpretação reflexiva, bem como, argumentação mais consistente em relação à primeira atividade. Destacando questões como desrespeito à vida, violência durante o governo militar, questionamentos sobre o sistema político brasileiro contemporâneo e alienação por parte da população.

Dentre os estudantes 7, 8 e 9, os quais construíram uma argumentação articulada na primeira atividade, as análises foram mais detalhadas e as respostas se pautaram em questões como oposição à tortura, guerra e coerção do governo, bem como, a valorização da luta por democracia.

Destacaram-se também os estudantes 10, 11 e 12, os quais, na primeira atividade, disseram não possuir conhecimento acerca da Ditadura Militar, no entanto, após as etapas da intervenção, conseguiram analisar o texto, interpretá-lo e relacioná-lo a alguns conceitos trabalhados nas atividades, o que demonstra que estão desenvolvendo habilidades objetivadas pelo projeto.

Diante dos resultados obtidos, fica claro que, apesar de alguns alunos apresentarem maior facilidade, a maioria desenvolveu as habilidades objetivadas pelo projeto, uma vez que analisaram, compreenderam e se posicionaram criticamente durante as etapas do projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, compreendemos que o letramento está diretamente ligado as atividades escolares, não apenas à disciplina de Língua Portuguesa, mas em todas as áreas do conhecimento, visto que por muito tempo a leitura esteve estritamente voltada apenas para decodificação mecânica, não possibilitando aos educandos ler o mundo, mas apenas as palavras, logo, a prática de leitura no processo de ensino-aprendizagem pode e deve ser contextualizada por meio de diferentes abordagens que objetivem dar condições para que esses alunos se apropriem do conhecimento e possam construir suas próprias convicções e percepções acerca das realidades que os cercam. Portanto, o trabalho com aspectos históricos, sociais, políticos e filosóficos, foram de fundamental importância para essa pesquisa.

Ademais, fora evidenciado como o trabalho com o gênero distópico cumpriu a função de alertar sobre questões fundamentais, possibilitando a discussão de temas passados e contemporâneos, bem como fazer projeções acerca do que pode vir a acontecer caso não haja oposição a discursos que outrora levaram a barbárie e que emergem no presente de forma verossímil.

Vale ressaltar também o papel dos docentes na luta contra a educação bancária, buscando com que não seja instaurado um regime de alienação e opressão social, portanto, a emancipação é o denominador que deve fazer parte das práticas dos professores no processo de ensino-aprendizagem, contribuindo, assim, para uma sociedade com mais cidadãos críticos e conscientes de seu papel no meio social.

Indubitavelmente, essa pesquisa fora de fundamental importância, pois possibilitou a compreensão de como a educação pode e é utilizada como instrumento de controle e manipulação. Assim sendo, faz-se urgente a renovação dos métodos de ensino, visando o progresso educacional, pois para além de estar capacitado para ensinar os conteúdos da disciplina, é necessário acreditar que a educação é capaz de desmascarar a ideologia dominante, assim, o educador a partir de sua tomada de consciência e de forma coletiva deve emancipar-se e, em uma lógica insurgente, compreender as amarras ideológicas de um sistema opressor e, em comunhão, a partir de sua prática oportunize a emancipação de seus educandos. A conjuntura contemporânea que por vezes afirma como fatalidade as mazelas sociais, muitas vezes aprisiona os indivíduos por meio de um sentimento de desesperança, mas Freire (1996) afirma que o educador deve superar este fatalismo cínico e imobilizante e

de forma crítica e consciente esperar por uma sociedade justa, plural, humana e igualitária.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção. Homo sacer II**, 1. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**: nota sobre aparelhos ideológicos. Rio de Janeiro: Edições: Graal. 1985.
- AZEVEDO, Ricardo. **Aspectos da Literatura Infantil no Brasil, hoje**. *Revista Projeto*. POA, Editora Projeto, Maio de 2002, p. 21
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BENJAMIM, W. **Obras escolhidas II**: Rua de mão única. 5. ed. Tradução de Rubens Bourdieu, P., & Passeron, J. C. (1975). *A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Livraria F. Alves.
- BRASIL. **Lei nº 1.920, de 25 de Julho de 1953**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L1920.htm.
- BRASIL. **Linguagens, códigos e suas tecnologias** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o ensino médio ; volume 1)
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental/Língua Portuguesa. Brasília. MEC/SEF. 1998.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9. Ed. Ouro sobre azul. Rio de Janeiro. 2006.
- CASTRO, C. A. **Cursinhos alternativos e populares: movimentos territoriais de luta pelo acesso ao ensino público superior no Brasil**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Unesp Presidente Prudente/SP. Presidente Prudente, 2005.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. Ed.: Cortez, 2006, São Paulo.
- CUNHA, Luiz Antônio; GÓES, Moacyr de, 1996. **O golpe na educação**. (9a ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- DALLABRIDA, Norberto. **A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalista do ensino secundário**. Educação. Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 185-191, maio/ago. 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**: curso no Collège de France (1977-1978). Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 13, n. 28 p. 235-290, Maio/Ago 2009.
Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KUENZER, A. Z. O ensino médio no plano nacional de educação 2011-2020: superando a década perdida? Educação & Sociedade, Campinas, v. 31, n. 112, p. 851-873, 2010.

KUMAR, Krishan. *Utopia and anti-utopia in modern times*. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. Educação escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2012.

LIBÂNEO, José. *A Prática Pedagógica de Professores da Escola Pública*. São Paulo. 1985

LIRA, T. C. *José Veiga e Suzane Collins: ficção distópica como instrumento de formação do jovem leitor*. Campinas Grande-PB: Realize, 2015.

LOWRY, Lois. *O doador de memórias* [recurso eletrônico] / Lois Lowry [tradução de Maria Luiza Newlands]; São Paulo: Arqueiro, 2014.

NEUMAN, A. L; KOPP, RudineI. *Comunicação e educação na literatura distópica: de nós (1924) a Jogos vorazes (2008)*. Revista Jovens Pesquisadores. Santa Cruz do Sul, 2013, v. 3, n. 1, p. 80-96.

NÓVOA, António – (Org.) **Vida de Professores**. Porto: Porto Ed., 1992.

_____regresso dos professores. In: **Conferência da Presidência Portuguesa do Porto**: Porto Editora, 1999. (Coleção Ciências da Educação – século XXI).

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da educação no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1987.

Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: polêmicas do nosso tempo. 35. ed. revista. São Paulo: Autores associados, 2002.

SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ-MESTRE, Joaquim, ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Transl.), SALES CORDEIRO, Gláís (Transl.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas SP: Mercado de Letras, 2004,

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002

VAN DIJK. **Ideology. A multidisciplinary approach**. Londres; Sage, 1998.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. Editora: fontes, São Paulo, 1991.

ZILBERMAN, Regina.(org) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

ANEXOS

ANEXO 1:

PLANO DE AULA – 01

<p>I. Plano de Aula: Data: 21/03/2018</p>
<p>II. Dados de Identificação:</p> <p>Projeto Universidade Aberta de Abaetetuba Professor (a) estagiário (a): José Wilker Machado Quaresma Disciplina: Língua Portuguesa Série: Pré-Vestibular Turma: 01 Período: manhã</p>
<p>III. Tema:</p> <p>Aprimoramento das práticas de leitura.</p>
<p>VI. Objetivo geral: Ressaltar a importância da leitura objetivando desenvolver as habilidades crítico-reflexivas dos alunos, por meio da literatura distópica.</p> <p>Objetivos específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Registrar (identificar) os hábitos de leitura dos alunos; • Dialogar sobre a importância da leitura no processo de ensino-aprendizagem; • Apresentar o gênero literário distopia.
<p>V. Conteúdo:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Apresentação da situação: Importância da leitura contextualizada 2. Diagnóstico feito por questionário 3. Contexto histórico do gênero distópico 4. Características da Distopia 5. Apresentação das principais obras distópicas
<p>VI. Desenvolvimento do tema: No primeiro momento é feita a apresentação da importância do ato de ler de forma contextualizada. Para fazer um diagnóstico sobre os hábitos de leitura, os alunos responderão um questionário. Após isso, serão apresentados o contexto histórico, características e principais obras do gênero distópico, tanto no cinema quanto na literatura.</p>
<p>VII. Recursos didáticos: pincel para quadro e material impresso.</p>
<p>VIII. Avaliação:</p> <p>Questionário com perguntas objetivas e semiestruturadas.</p>

XIX. Bibliografia:

AZEVEDO, Ricardo. *Aspectos da Literatura Infantil no Brasil, hoje. Revista Projeto*. POA, Editora Projeto, Maio de 2002, p. 21

BATUCA, F.M. *A Construção da Utopia na Sociedade Ocidental. Literatura Utópica e Distópica: diálogos entre o texto literário e o texto fílmico*. Dissertação de Mestrado em Jornalismo, Comunicação e Cultura. Instituto Politécnico de Portalegre Portalegre, 2013

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

KUMAR, Krishan. *Utopia and anti-utopia in modern times*. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o ensino médio ; volume 1)

SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ-MESTRE, Joaquim, ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Transl.), SALES CORDEIRO, Gláís (Transl.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas SP: Mercado de Letras, 2004.

portal.mec.gov.br/component/content/article?id=42761 /Acessado em: 17/11/2017

ANEXO 2:**QUESTIONÁRIO SOBRE LEITURA**

PROJETO UNIVERSIDADE ABERTA DE ABAETETUBA/2018



Projeto de intervenção

Profº José Wilker

Aluno(a): _____

Idade: _____

Questionário**1. Você gosta de ler?**

() Sim () Não () Depende do livro

2. Com que frequência você lê?

() Um livro por mês () Um por quinzena () Um por semana

() Outro: _____

3. Qual o formato do livro?

() Impresso () Digital

4. Se gosta de ler, quem despertou o interesse pela leitura?

() Pais () Professores () Familiares () Outros: _____

5. Na escola, você leu outros tipos de texto além do livro didático? Quais? (jornais, revistas, gibis, livros clássicos, infanto-juvenis, sites, outros)

6. Que tipos de livro você lê? Cite o nome das obras. (suspense, terror, romance, religiosos, drama, comédia, fantasia, juvenil, ficção científica, distopia, outros).

7. O que você sabe sobre o Regime Militar ocorrido no Brasil?

ANEXO 3:

PLANO DE AULA - 02

I. Plano de Aula: Data: 28/04/2018
II. Dados de Identificação: Projeto Universidade Aberta de Abaetetuba Professor (a) estagiário (a): José Wilker Machado Quaresma Disciplina: Língua Portuguesa Série: Pré-Vestibular Turma: 01 Período: manhã
III. Tema: Aprimoramento das práticas de leitura.
VI. Objetivo geral: Contextualizar os fatos apresentados na narrativa com conceitos sociais do mundo contemporâneo, visando gerar reflexões acerca de tais conceitos. Objetivos específicos: <ul style="list-style-type: none"> • Aprimorar a prática de leitura;

<ul style="list-style-type: none"> • Relacionar o conteúdo da narrativa distópica ao contexto social;
<p>V. Conteúdo:</p> <ol style="list-style-type: none"> 6. Leitura programada 7. Interpretação textual 8. Leitura contextualizada 9. Discussão sobre o significado de <i>Comunidade</i> segundo Bauman. 10. Formação das equipes e divisão dos assuntos a serem discutidos na próxima aula: <ul style="list-style-type: none"> • Cultura • Ideologia • Trabalho • Indivíduo • Política.
<p>VI. Desenvolvimento do tema: Para trabalharmos com o gênero distópico, fora selecionada a obra <i>O Doador de Memórias</i>, a qual será feita a leitura de alguns capítulos por meio de leitura coletiva e contextualizada, abordando o conceito de <i>Comunidade</i> segundo Bauman. Ao final da aula, serão formadas equipes e sorteados os temas que deverão ser pesquisados para a próxima aula.</p>
<p>VII. Recursos didáticos: pincel para quadro e material impresso.</p>
<p>VIII. Avaliação:</p> <p>Leitura coletiva, análise oral e discussão sobre o texto.</p>
<p>XIX. Bibliografia:</p> <p>BAUMAN, Zygmunt. <i>Comunidade</i>. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.</p> <p>LOWRY, Lois. <i>O doador de memórias</i> [recurso eletrônico] / Lois Lowry [tradução de Maria Luiza Newlands]; São Paulo: Arqueiro, 2014.</p> <p>Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o ensino médio ; volume 1)</p> <p>SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ-MESTRE, Joaquim, ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Transl.), SALES CORDEIRO, Gláís (Transl.). <i>Gêneros orais e escritos na escola</i>. Campinas SP: Mercado de Letras, 2004.</p>
<p>I. Plano de Aula: Data: 04/04/2018</p>
<p>II. Dados de Identificação:</p>

<p>Projeto Universidade Aberta de Abaetetuba Professor (a) estagiário (a): José Wilker Machado Quaresma Disciplina: Língua Portuguesa Série: Pré-Vestibular Turma: 01 Período: manhã</p>
<p>III. Tema: Aprimoramento das práticas de leitura.</p>
<p>VI. Objetivo geral: Utilizar o gênero distopia como artifício de sedução didática no processo de ensino-aprendizagem nas aulas de língua portuguesa, objetivando desenvolver as habilidades crítico-reflexivas dos alunos.</p> <p>Objetivos específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aprimorar a prática de leitura; • Relacionar o conteúdo da narrativa distópica ao contexto social;
<p>V. Conteúdo:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Leitura contextualizada 2. Análises e discussões sobre a obra. 3. Discussão contextualizada sobre os seguintes conceitos: <ul style="list-style-type: none"> • Cultura • Ideologia • Política.
<p>VI. Desenvolvimento do tema: Na terceira aula, continuaremos a analisar e discutir a obra por meio de pesquisa feita pelos alunos sobre conceitos de ideologia, cultura e política. Serão apresentadas as contribuições de Althusser sobre tais assuntos.</p>
<p>VII. Recursos didáticos: pincel para quadro e material impresso.</p>
<p>VIII. Avaliação:</p> <p>Apresentação das equipes, análise oral e discussão sobre o texto.</p>

<p>XIX. Bibliografia:</p> <p>ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos do estado: nota sobre aparelhos ideológicos. Rio de Janeiro: Edições: Graal. 1985.</p> <p>Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações</p>

curriculares para o ensino médio ; volume 1)

LOWRY, Lois. *O doador de memórias* [recurso eletrônico] / Lois Lowry [tradução de Maria Luiza Newlands]; São Paulo: Arqueiro, 2014.

SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ-MESTRE, Joaquim, ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Transl.), SALES CORDEIRO, Gláís (Transl.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas SP: Mercado de Letras, 2004.

ANEXO 5:

PLANO DE AULA - 04

I. Plano de Aula: Data: 11/04/2018

II. Dados de Identificação:

Projeto Universidade Aberta de Abaetetuba

Professor (a) estagiário (a): José Wilker Machado Quaresma

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: Pré-Vestibular

Turma: 01

Período: manhã

III. Tema: Aprimoramento das práticas de leitura.

VI. Objetivo geral: Utilizar o gênero distopia como artifício de sedução didática no processo de ensino-aprendizagem nas aulas de língua portuguesa, objetivando desenvolver as habilidades crítico-reflexivas dos alunos.

Objetivos específicos:

- Aprimorar a prática de leitura;
- Relacionar o conteúdo da narrativa distópica ao contexto social;
- Discutir como conceitos interdisciplinares são apresentados na obra.

V. Conteúdo:

- Análises e discussões sobre a obra.
- Discussão contextualizada sobre os seguintes conceitos:
 - Trabalho
 - Indivíduo
 - Estado de natureza e de democracia
- Resolução de questionário com respostas discursivas sobre os conceitos dos cinco assuntos explanados pelas equipes.

VI. Desenvolvimento do tema: Na quarta aula, continuaremos a analisar a discutir obra, por

meio de pesquisa feita pelos alunos sobre os conceitos de trabalho e indivíduo. Após o fim das discussões, serão elencadas as características dos regimes de estado de exceção com a literatura distópica, e ainda contextualizando com o enredo da narrativa, discutiremos o conceito de Estado de Natureza e Estado de Direito nas perspectivas de Hobbes (1983) e Marx (2004).

VII. Recursos didáticos: Notebook, datashow e material impresso.

VIII. Avaliação:

Leitura coletiva, análise oral e discussão sobre o texto.

XIX. Bibliografia:

ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos do estado: nota sobre aparelhos ideológicos. Rio de Janeiro: Edições: Graal. 1985.

HOBBS, Thomas. Leviatã. Matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil. (Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva). 3. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Col. Os pensadores.

LOWRY, Lois. *O doador de memórias* [recurso eletrônico] / Lois Lowry [tradução de Maria Luiza Newlands]; São Paulo: Arqueiro, 2014.

Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o ensino médio ; volume 1)

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosófico. Tradução Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ-MESTRE, Joaquim, ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Transl.), SALES CORDEIRO, Gláís (Transl.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas SP: Mercado de Letras, 2004.

ANEXO 6:

Plano de Aula - 05

I. Plano de Aula: Data: 18/04/2018

II. Dados de Identificação:

Projeto Universidade Aberta de Abaetetuba

Professor (a) estagiário (a): José Wilker Machado Quaresma

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: Pré-Vestibular

<p>Turma: 01 Período: manhã</p>
<p>III. Tema: Aprimoramento das práticas de leitura.</p>
<p>VI. Objetivo geral: Utilizar o gênero distopia como artifício de sedução didática no processo de ensino-aprendizagem nas aulas de língua portuguesa, objetivando desenvolver as habilidades crítico-reflexivas dos alunos.</p> <p>Objetivos específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aprimorar a prática de leitura; • Relacionar o conteúdo da narrativa distópica ao contexto social; • Discutir como conceitos interdisciplinares são apresentados na obra.
<p>V. Conteúdo:</p> <p>11. Comparar o as relações de poder apresentadas na obra O Doador de Memórias com o conceitos de estado de exceção.</p> <p>12. Resolução de um simulado com questões objetivas e subjetivas sobre o Poder do Estado.</p>
<p>VI. Desenvolvimento do tema:</p>
<p>VII. Recursos didáticos: vídeos retirados do YouTube e material impresso.</p>
<p>VIII. Avaliação: Atividade com perguntas objetivas e subjetivas.</p>
<p>XIX. Bibliografia:</p> <p>LOWRY, Lois. <i>O doador de memórias</i> [recurso eletrônico] / Lois Lowry [tradução de Maria Luiza Newlands]; São Paulo: Arqueiro, 2014.</p> <p>Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o ensino médio ; volume 1)</p> <p>SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ-MESTRE, Joaquim, ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Transl.), SALES CORDEIRO, Gláís (Transl.). <i>Gêneros orais e escritos na escola</i>. Campinas SP: Mercado de Letras, 2004.</p>

ANEXO 7:**PROJETO UNIVERSIDADE ABERTA DE ABAETETUBA (P.U.A.A.)****Profº: Wilker Machado****Aluno(a):** _____**Atividade Avaliativa**

1. (ENEM 2017) Após a Declaração Universal dos Direitos Humanos pela ONU, em 1948, a Unesco publicou estudos de cientistas de todo o mundo que desqualificaram as doutrinas racistas e demonstraram a unidade do gênero humano. Desde então, a maioria dos próprios cientistas europeus passou a reconhecer o caráter discriminatório da pretensa superioridade racial do homem branco e a condenar as aberrações cometidas em seu nome.

A posição assumida pela Unesco, a partir de 1948, foi motivada por acontecimentos então recentes, dentre os quais se destacava o(a)

- A) ataque feito pelos japoneses à base militar americana de Pearl Harbor.
- B) desencadeamento da Guerra Fria e de novas rivalidades entre nações.
- C) morte de milhões de soldados nos combates da Segunda Guerra Mundial.
- D) execução de judeus e eslavos presos em guetos e campos de concentração nazistas.
- E) lançamento de bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki pelas forças norte-americanas.

2. (ENEM 2017) No período anterior ao golpe militar de 1964, os documentos episcopais indicavam para os bispos que o desenvolvimento econômico, e claramente o desenvolvimento capitalista, orientando-se no sentido da justa distribuição da riqueza, resolveria o problema da miséria rural e, conseqüentemente, suprimiria a possibilidade do proselitismo e da expansão comunista entre os camponeses. Foi nesse sentido que o golpe de Estado de 31 de Março de 1964, foi acolhido pela igreja.

Em que pesem as divergências no interior do clero após a instalação da ditadura civil-militar, o posicionamento mencionado no texto fundamentou-se no entendimento da hierarquia católica de que o(a)

- A) luta de classes é estimulada pelo livre mercado.
- B) poder oligárquico é limitado pela ação do Exército.
- C) A doutrina Cristã é beneficiada pelo atraso no interior.
- D) espaço político é dominado pelo interesse empresarial.
- E) manipulação ideológica é favorecida pela privação material.

3. (ENEM 2017) O conceito de democracia, no pensamento de Habermas, é construído a partir de uma dimensão procedimental, calcada no discurso e na deliberação. A legitimidade democrática exige que o processo de tomada de decisões políticas ocorra a partir de uma ampla discussão pública, para somente então decidir. Assim, o caráter deliberativo corresponde a um processo coletivo de ponderação e análise, permeado pelo discurso, que antecede a decisão.

O conceito de democracia proposto por Jürgen Habermas pode favorecer processos de inclusão social. De acordo com o texto, é uma condição para que isso aconteça o(a)

- A) participação direta periódica do cidadão.
- B) debate livre e racional entre cidadãos e Estado.
- C) interlocução entre os poderes governamentais.
- D) eleição de lideranças políticas com mandatos temporários.
- E) controle do poder político por cidadãos mais esclarecidos.

4. (ENEM 2016)

Texto I

Esses chopos dourados

[...]

quando a geração de meu pai batia na minha, a minha achava que era normal, que a geração de cima só podia educar a de baixo batendo, quando a minha geração batia na de vocês ainda não sabia que estava errado, mas a geração de vocês já sabia e cresceu odiando a geração de cima. Aí chegou esta hora em que todas as gerações já sabem de tudo e é péssimo ter pertencido à geração do meio tendo errado quando apanhou da de cima e errado quando bateu na de baixo e sabendo que apesar de amaldiçoados éramos todos inocentes.

WANDERLEY, J. In: MORICONI, I. (Org.). **Os cem melhores poemas brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001 (fragmento).

Ao expressar uma percepção de atitudes e valores situados na passagem do tempo, o eu lírico manifesta uma angústia sintetizada na

- A) compreensão da efemeridade das convicções antes vistas como sólidas.
- B) consciência das imperfeições aceitas na construção do senso comum.
- C) revolta das novas gerações contra modelos tradicionais de educação.
- D) incerteza da expectativa de mudança por parte das futuras gerações.
- E) crueldade atribuída à forma de punição praticada pelos mais velhos.

5. Texto II

Entrevistado: É o seguinte xará, tapa na mesa, querer até ir para a porrada, não é o caso. Dar porrada no Chico Lopes. Eu até sou favorável, na CPI no caso Chico Lopes, tivesse pau de arara, ele merecia isso, pau de arara, funciona. Eu sou favorável à tortura, tu sabe disso... e o povo é favorável a tortura também ...

Repórter: Se você fosse hoje o presidente da república, você fecharia o Congresso Nacional?

Entrevistado: Não há a menor dúvida, daria golpe no mesmo dia! No mesmo dia... não funciona! E tenho certeza que pelo menos 90% da população ia... fazer festa, ia bater palma, porque não funciona. Pra quê? O congresso hoje em dia não serve para nada... Só vota o que o presidente quer. Se ele é e pessoa que manda, que tripudia, dê logo um golpe, parte logo para a Ditadura. Agora, não vai falar de Ditadura Militar aqui, só desapareceram 282, a maioria marginais assaltantes de banco, sequestradores...

Repórter: O senhor tem esperança? O senhor imagina o Brasil num lugar melhor? O senhor acredita nesse país? De que maneira o senhor enxerga o Brasil de todos nós?

Entrevistado: Só com crise, né? Não é com crise que se cresce, essa palhaçada que a gente vê na imprensa por aí, né? Que é propaganda paga do Governo, com o dinheiro de você, contribuinte... me desculpa, né? Através do voto, “cê” não vai mudar nada nesse país. Nada! Absolutamente nada... e só vai mudar, infelizmente, quando nós partirmos para uma guerra civil aqui dentro, né?

Repórter: Você acha..

Entrevistado: E fazendo um trabalho que o Regime Militar não fez, matando uns trinta mil. Começando com o FHC, não deixando ninguém de fora não, matando. Se vai morrer alguns inocentes? Tudo bem. Tudo quanto é guerra morre inocente, eu até fico feliz se eu morrer, mas desde que vá trinta mil, mas desde que vá outros juntos comigo...

(Entrevista do programa Câmara Aberta em 1999)

O **Texto II** apresenta características do discurso de Poder? Que palavras evidenciam isso? Justifique sua resposta.

REGISTRO DAS ATIVIDADES

Atividades de leitura (28/03/2018)



Fonte: Pesquisa de campo/Março de 2018. Acervo do autor



Fonte: Pesquisa de campo/Março de 2018. Acervo do autor

Socialização das pesquisas e análises (04/04/2018)



Fonte: Pesquisa de campo/Abril de 2018. Acervo do autor



Fonte: Pesquisa de campo/Abril de 2018. Acervo do autor

Resolução da atividade final (18/04/2018)



Fonte:

Pesquisa de campo/Abril de 2018. Acervo do autor



Fonte: Pesquisa de campo/Abril de 2018. Acervo do autor